

## PCdoB propõe governo frentista com amplo apoio popular



A comemoração da vitória (acima) e o presidente, operário Lula, com o vice, empresário José Alencar e suas esposas



O Comitê Central do PCdoB, reunido em São Paulo, aprovou resolução política sobre os "enormes desafios e tarefas" que os comunistas têm diante de si na "situação inédita" criada pela vitória oposicionista nas eleições de outubro. A íntegra da resolução:

O Partido Comunista do Brasil considera que o resultado alcançado pelas forças democráticas, populares, patrióticas e progressistas que levaram Luiz Inácio Lula da Silva à Presidência da República nas eleições gerais de 2002 tem enorme significado para a vida e para a história do povo brasileiro. É, ao mesmo tempo, um importante período na vida do Partido, que ajudou desde o primeiro momento, como partícipe da condução e também construtor da linha, fatores que resultaram na vitória. Agora, em um novo momento e numa situação inédita os comunistas têm diante de si enormes desafios e tarefas:

**1** Somar-se ao esforço de construção do novo governo de caráter frentista, que seja sustentado por uma ampla maioria política, que seja amplamente respaldado pelo movimento popular para tornar possível a grandiosa tarefa da reconstrução nacional e de um novo modelo de desenvolvimento para o Brasil baseado na soberania nacional, na democracia, nos direitos sociais e na valorização do trabalho;

**2** Enfrentar com decisão e discernimento a luta imediata que se dá entre a transição para as mudanças, de um lado e, de outro, pela manutenção do modelo vigente, considerando os compromissos atuais e ao mesmo tempo questionando-os, preparando assim as condições para a construção de um novo rumo para o país;

**3** Participar do novo governo em posições que ajudem a consolidação de sua perspectiva progressista e possibilitem a aproximação dos objetivos estratégicos do Partido;

**4** No tocante à perversa herança deixada pelo governo de Fernando Henrique Cardoso, que impõe desde já a aprovação de um Orçamento da União fortemente restritivo e obriga com medidas que visam garantir o continuísmo como a exigência de um Banco Central independente (a partir da alteração imediata do artigo 192 da Constituição Federal), o Partido Comunista do Brasil se comportará tendo em vista a preservação dos interesses nacionais e dos compromissos assumidos com os trabalhadores e as massas populares, nas condições da realidade política atual.

São Paulo, 10 de novembro de 2002  
Comitê Central do  
Partido Comunista do Brasil.

## Novo ciclo se abre na atividade comunista

Um período especial de grandes exigências decorrerá até a próxima reunião do CC no início de 2003. Ligadas às tarefas políticas aprovadas nesta reunião, relativas à transição, formação e posse do novo governo, o Partido deve debruçar-se ativamente sobre a sua preparação para o novo ciclo que se abre.

Desse modo compõe nossa pauta de trabalho:

**1** Promover ciclos de debates em todo o Partido e junto à sociedade, voltados a aprofundar e difundir a nossa orientação política para a nova realidade; intensificar a utilização dos instrumentos partidários com o mesmo fim, como o portal, *A Classe* e *Princípios*, aumentando sua difusão; retomar, de imediato, esforços na frente de formação, incorporando os novos temas políticos, para levar a nova orientação ao conjunto dos quadros e militantes;

**2** Promover uma presença marcante do PCdoB nas atividades de posse do novo governo Lula; responsabilizar a bancada federal pela elaboração de um Livro Branco de denúncia sobre o legado perverso dos governos

FHC; mobilizar amplamente o Partido e o povo na campanha pela paz e contra a guerra tentada pelos EUA e ampliando a atenção sobre a ofensiva imperialista em relação à Tríplice Fronteira; intensificar a participação nas instâncias que decidem da realização do próximo Fórum Social Mundial e da luta contra a Alca; promover, à luz das novas orientações políticas partidárias, a retomada dos esforços das frentes de massa, intensificando a discussão política, reelaborando suas pautas e agendas, procurando encontrar formas de luta, manifestação e organização em consonância com a nova conjuntura;

**3** Ao lado da preparação do Partido na esfera política, colocar simultaneamente em pauta o exame das demais questões da vida partidária:

**a** - Promover ajustes no trabalho de direção das diversas secretarias nacionais, pondo-as em consonância com as novas exigências; preparar a proposta de organização dos trabalhos da bancada federal, realizando neste mês Seminário Nacional; pautar também a realização do mesmo

para a bancada de deputados estaduais eleitos;

**b** - aprofundar em todos os Estados o balanço do desempenho partidário nas batalhas travadas neste ano, retirando delas lições, à luz dos objetivos eleitorais e das definições traçadas em nossos planos de estruturação em cada Estado; pautar, em conjunto com a direção nacional, o exame relativo aos problemas partidários, principalmente no tocante aos problemas de unidade, aos ajustes imediatos e às recomposições de direções; e

**c** - intensificar o esforço de filiações e de consolidação de Comitês Municipais; promover, já no mês de novembro, em todos os Estados, o balanço do desempenho da primeira etapa do 4º PEP, enviando a Ficha de Controle à Comissão Nacional de Organização, para preparação do planejamento da sua nova etapa, marcada por nova realidade do país e do Partido; em dezembro se realizará o esforço de planeja-



Freitas, Jô e Socorro dirigem a reunião

mento da campanha, de modo a elaborar objetivos, alvos e metas dessa nova etapa em janeiro, junto a todo o Partido no país e definir a realização das próximas Conferências Estaduais ordinárias, previstas para 2003.

**4** A Comissão Política e o Secretariado Nacional levarão à apreciação da próxima reunião plenária do CC proposição acerca de realização de uma Conferência Nacional especial sobre as questões de Partido, para aprofundar o tratamento sistemático dessas questões.

**CDM**  
Comitê Central do PCdoB  
São Paulo, 10 de novembro de 2002  
Fundação Maurício Grabois

## Os sindicatos e os desafios do governo Lula

A Comissão Nacional Sindical do PCdoB analisou o novo quadro do país após a vitória de Lula, uma realidade nova e inédita, cuja assimilação não se dá de um só golpe.

"Cria-se um ambiente político mais favorável. Melhoram as condições de luta no sentido da valorização do trabalho e dos trabalhadores(as), para reverter a regressão do trabalho, resultado da trágica herança neoliberal de oito anos de governo de FHC: recorde de desemprego, corrosão da massa salarial, avanço da informalidade, precarização do trabalho e das relações de trabalho, desmonte da legislação trabalhista", informa o documento.

Os comunistas indicam várias tarefas para os integrantes da Corrente Sindical Classista nas entidades de base e na Central Única dos Trabalhadores.

Leia na página 9

PCdoB

# Comunistas decidem lutar por um novo ciclo de crescimento

Encerrou-se dia 10, no hotel Stela Vega, em São Paulo, a quarta reunião ordinária do Comitê Central do PCdoB, que analisou e deliberou sobre as tarefas políticas relativas à transição, formação e posse do governo Lula e as perspectivas do novo ciclo político que se inicia no país.

Além dos membros do Comitê Central, o encontro contou com a participação de Fredo Ebling, presidente do PCdoB/DF, e dos novos deputados federais Alice Portugal (BA), Afonso Gil (PI) e Perpétua Almeida (AC).

Durante três dias foram debatidos os documentos "Momento histórico de transição para um novo Brasil", em que Renato Rabelo destaca a importância da vitória inicial do projeto de mudança do novo governo, e "Preparar o Partido para o novo curso político no país", apresentado por Walter Sorrentino, com a abordagem das novas exigências e potencialidades que se abrem para a construção partidária.

O desempenho eleitoral do PCdoB nas últimas eleições indica um inédito e promissor crescimento, em que a legenda alcançou 2,25% dos votos válidos para a Câmara dos Deputados e 1,30% da votação para as Assembleias Legislativas e Câmara Distrital do DF. O Partido está representado nas assembleias de 14 Estados e a bancada federal conta com sete membros vindos do movimento sindical, além de um terço de mulheres — o que coloca o PCdoB, pela segunda legislatura consecutiva, na condição de maior presença feminina entre as bancadas partidárias da Câmara.



Comitê reuniu-se de 8 a 10 de novembro de 2002

Para o presidente do PCdoB, a vitória de Lula nas eleições não se deveu a jogadas de marketing, mas à necessidade de o Brasil ingressar num novo ciclo. "Triunfo inicial de um projeto nacional, democrático, popular e desenvolvimentista". Para dar início a esse novo projeto, é necessário "baixar os juros, definir um nível mínimo de reservas cambiais e questionar aspectos dos compromissos assumidos pelo atual governo, como a realização de superávits primários acertados com o Fundo Monetário Internacional". O dirigente comunista destaca que na transição para o novo projeto será permanente a luta entre os que pretendem manter a política atual, adotada por FHC, "fazendo ajustes e reciclagens, e os que investem pela mudança. É neste último campo que o PCdoB se inclui e com base nele que atuará nesta nova situação".

## Desafios partidários

O secretário de Organização do PCdoB, Walter Sorrentino, apresentou o informe "Preparar o Partido para o novo curso político no país", onde aborda as novas exigências e potencialidades que se abrem para a construção partidária. "Faremos uma experiência inédita em nossa vida nestes mais de 80 anos de existência — um PCdoB presente como força política destacada na construção dos rumos nacionais, integrante do próprio governo central", alerta.

Sorrentino destacou os resultados colhidos pelos comunistas nas eleições de outubro — a vitória de coligações majoritárias e a obtenção de mais de 9 milhões de

votos em seus candidatos e na legenda 65, resultando na eleição de 12 deputados federais, 17 deputados estaduais e o vice-governador do Piauí. Avaliou a concentração dos votos comunistas nas maiores cidades e a realidade organizacional do Partido. "Fizemos a maior campanha já realizada pelo Partido e alcançamos expressiva vitória política e eleitoral".

A reflexão dos comunistas sobre o Partido "deve ter por norte a questão de manter e ampliar seu protagonismo político, agora tornado mais complexo na elaboração política e teórica, e elevar sua expressão eleitoral. Simultaneamente, trata-se de assegurar e desenvolver o caráter do Partido, persistindo em seu fortalecimento ideológico e orgânico e em sua atuação de massas. Em suma, a nova situação libera energias. Alteram-se as condições para construir e vincar nossa corrente política no país. Exige-nos ousadia para preparar o Partido para os novos tempos e manter a vigilância sobre seu caráter.

Importa não deixar crescer mais ainda o fosso entre nossa influência política e nosso grau de estruturação pelo país, o que exige antes de tudo o fortalecimento de sua massa de militantes e formação em maior escala de seus quadros. Tudo isso deve articular respostas políticas, teórico-ideológicas, organizativas e mesmo gerenciais. O pivô dessa articulação é um projeto político próprio e sua correspondente expressão eleitoral", pontuou Walter Sorrentino.

As conclusões do encontro indicam que, para atingir as mudanças da situação atual para a nova fase de desenvolvimento, será

## Resultado das eleições

Nome	Partido	% votos válidos	Votos
LULA	PT	61.3%	52.793.364
SERRA	PSDB	38.7%	33.370.739
Total de votos válidos ..... 86.164.103			
Branco ..... 1.727.760			
Nulos ..... 3.772.138			
Total de votos apurados ..... 91.664.001			

## Governadores

Acre	* Jorge Viana, PT
Alagoas	* Ronaldo Lessa, PSB
Amapá	Waldez, PDT
Amazonas	* Eduardo Braga, PPS
Bahia	* Paulo Souto, PFL
Ceará	Lúcio Alcântara, PSDB
Distrito Federal	Roriz, PMDB
Espírito Santo	* Paulo Hartung, PSB
Goiás	* Marconi Perillo, PSDB
Maranhão	* Ze Reinaldo, PFL
Mato Grosso	* Blairo Maggi, PPS
Mato Grosso do Sul	Zeca do PT, PT
Minas Gerais	* Aécio Neves, PSDB
Pará	Jatene, PSDB
Paraíba	Cassio Cunha Lima, PSDB
Paraná	Roberto Requião, PMDB
Pernambuco	* Jarbas Vasconcelos, PMDB
Piauí	* Wellington Dias, PT
Rio de Janeiro	* Rosinha Garotinho, PSB
Rio Grande do Norte	Vilma, PSB
Rio Grande do Sul	Rigotto, PMDB
Rondônia	Ivo Cassol, PSDB
Roraima	Flamarion, PSL
Santa Catarina	Luiz Henrique da Silveira, PMDB
São Paulo	Geraldo Alckmin, PSDB
Sergipe	João Alves, PFL
Tocantins	* Marcelo Miranda, PFL

\* Governadores eleitos no 1º Turno

necessário o diálogo com os segmentos representativos da sociedade, tendo como base a ampla mobilização popular. Renato lembrou que não é possível criar condições para a mudança de estímulos em investimentos produtivos sem que medidas fundamentais sejam tomadas, como o rebaixamento da taxa de juros, o estabelecimento de um nível mínimo da reserva de divisas e a renegociação do superávit primário com o

FMI, providências que não impliquem no rompimento dos contratos firmados.

O encontro foi a quarta reunião ordinária do Comitê Central eleito em dezembro passado, no Rio de Janeiro, pelo 10º Congresso do PCdoB. O organismo dirigente do PCdoB fará nova reunião no início de 2003, para avaliar o quadro político já levando em conta a composição do governo Lula.

## Vídeo registra despedida e homenageia João Amazonas

No dia 27 de maio de 2002, às 14h55, parou de bater o coração de João Amazonas. Ainda que a emoção tenha tomado conta de seus camaradas, motivados pela importância histórica do grande líder comunista, o PCdoB registrou em vídeo a comovida despedida dos familiares, amigos e militantes no velório que ocorreu na Assembleia Legislativa e, posteriormente, a homenagem na cerimônia ocorrida em Xambioá às margens do Rio Araguaia, onde foram espalhadas as cinzas do "camarada João".

Esse desfecho realizou seu último desejo, expresso em carta, na qual João Amazonas, ao pedir que suas cinzas fossem depositadas na região do Araguaia, reafirmou sua convicção na revolução e na heróica Guerrilha da qual foi participante.

Estes acontecimentos constam do vídeo "Um Poema para João" (foto), que tem a participação especial de Sérgio Mamberti e Cristina Petta na leitura de poemas de Ferreira Gullar e Carlos Drummond de Andrade. O vídeo, com duração de 13 minutos, contém imagens do velório e da cerimônia

em Xambioá, e é um livre registro, emocionado, uma homenagem feita no calor da hora, ao veterano militante e dirigente do PCdoB.

A fita está disponível para compra na Comissão Nacional de Comunicação do PCdoB e custa R\$ 10,00. Para adquiri-la, basta fazer o depósito na conta corrente da "Classe Operária": Banco Itaú - Agência 0251 - C/C 48676-7 e fazer o pedido pelo telefone 3054-1800 com Jorge Guedes ou Francyrose. Não estão incluídas despesas adicionais com envio pelo correio.

Empresa jornalística

# A CLASSE OPERÁRIA

Fundada em 1925

Diretor: João Amazonas (1912-2002)

Jornalista Responsável: Pedro de Oliveira (Mtb 9.813 -SP)

Edição: Carlos Pompe (Mtb 249/01/128/AL),

Edvar Bonotto, Fieny Feres. Editoração Eletrônica: Marco Godoy.

Administração: Francyrose de Andrade Matarazzo

Alameda Sarutá, 185, Jardim Paulista, São Paulo, SP

CEP 01403-010 - Tel.: (11) 3054-1800

Endereços eletrônicos: classe@pcdob.org.br

www.classeoperaria.org.br

Fundação Memória e Memória

Grabois

NACIONAL

# Desafios para um novo Brasil sob o governo Lula

RENATO RABELO\*

**E**stamos realizando nossa primeira reunião após a grande vitória das forças democráticas, populares e progressistas nas eleições de outubro. É um momento histórico para o Partido Comunista do Brasil e para o país. Compreender o resultado das eleições de 2002 é importante, buscando seu significado para os nossos objetivos táticos e estratégicos.

## Vitória da mudança

Em primeiro lugar, Luiz Inácio Lula da Silva foi eleito para mudar. Este foi o sentido principal da votação vitoriosa que recebeu. No primeiro turno, ficou com 46,5% dos votos; no segundo, foi sufragado com 61,27% dos votos válidos. O primeiro e segundo turnos tiveram caráter plebiscitário. Em seu primeiro pronunciamento após a vitória, Lula assumiu o "compromisso com a mudança" e reconheceu que "está nascendo um novo país" – isto é fundamental.

Formou-se uma onda mudancista, oposicionista, no país e Lula e principalmente o PT, entre os partidos de oposição, foram os principais escaudouros desse sentimento; tiraram o maior proveito dessa tendência. Essa onda se refletiu também no primeiro e segundo turnos das eleições para governadores. O PT foi o vencedor no Mato Grosso do Sul, Acre e Piauí, estados de menor expressão no país. Mas recebeu significativas votações no Ceará, Pará e Sergipe. Além disso, em Santa Catarina e Paraná os candidatos vencedores apoiaram Lula no segundo turno e em Minas Gerais e São Paulo os candidatos do PSDB fizeram campanha descolada do candidato do Planalto, José Serra. Na Bahia, o PFL apoiou Ciro Gomes no primeiro turno e Lula no segundo. Nas eleições governamentais a derrota da esquerda e do PT ocorreu no Rio Grande do Sul. Mas, no conjunto do país, a oposição foi vitoriosa. Merece destaque a expressiva votação do candidato petista em São Paulo onde, pela primeira vez, o partido foi para o segundo turno e ultrapassou os 40% dos votos válidos. O PT se tornou ao maior partido da Câmara Federal e dobrou a bancada no Senado. Nem o próprio PT previa esse resultado! O presidente do partido, José Dirceu, anunciou que a frente que apóia Lula já soma 211 deputados federais.

## Novo ciclo histórico

O desfecho das eleições de outubro tem causas profundas. Não foi resultado de uma jogada de marketing ou da política de "paz e amor". Pensar assim é pensar de forma superficial. Com a vitória da Coligação Lula Presidente, abre-se um novo ciclo histórico para o Brasil. Desde o nosso 10º Congresso, em dezembro de 2001, o PCdoB concluía que o país estava vivendo o fim de um



Marisa da Silva, Lula, José Alencar e Marisa Alencar comemoram o resultado do segundo turno

ciclo econômico, com repercussão social e política, e indicava a necessidade de um novo rumo para o país. O desfecho eleitoral confirma as conclusões e indicações do 10º Congresso – a vida mostrou que a análise estava correta.

A década de 90 representou para o Brasil um malogro maior do que a de 1980. Houve o agravamento de impasses históricos, como a vulnerabilidade externa, a crise persistente (que aparece como crise cambial), a economia estagnada, o aprofundamento da situação de desigualdade social. Como qualificou Delfin Netto, o país ficou sujeito a uma "vulnerabilidade extremada". No final do governo de Fernando Henrique Cardoso, o país está com sua governabilidade dependente do Fundo Monetário Internacional. O final do ciclo também indica que o chamado Consenso de Washington foi à falência, no Brasil e na América Latina.

Tal situação levou a que a oposição saísse vitoriosa do pleito de 2002. As forças vitoriosas incluem correntes populares e médias que nunca chegaram à Presidência da República. A própria classe dominante se dividiu e se fragmentou diante dos impasses vividos pelo país. A fisionomia dos vitoriosos não foi de esquerda, mas teve caráter de centro-esquerda.

Com a vitória das forças políticas e sociais populares e médias, que nunca alcançaram representação no governo da República, em aliança com setores da classe dominante, abre-se um novo ciclo histórico para o Brasil.

## Triunfo inicial do novo projeto

A vitória de Lula representa a evolução do processo histórico brasileiro, com a combinação de mudança e continuidade. É o triunfo inicial do projeto nacional, democrático e popular desenvolvimentista. É um evento marcante de nossa história. Por isso, no próprio dia em que saiu o

resultado do segundo turno, afirmamos: "Trata-se de um acontecimento histórico de repercussão mundial. Ele se insere entre os outros momentos marcantes da nossa história política, tendo em conta as particularidades de cada período, que abriram caminho para uma nova época de progresso social, como a Independência, abolição da escravatura, a proclamação da República e a revolução de 1930".

Novas perspectivas de progresso social se abrem à nação. O projeto nacional, democrático e popular desenvolvimentista jamais ocupou o poder estatal ou foi conduzido por qualquer governo. Ele tangenciou alianças com outro projeto nacional desenvolvimentista, que apareceu nos "industriais" de 1891 e teve seu impulso a partir da Revolução de 1930 e esteve presente nos governos de Getúlio Vargas, de Juscelino Kubitschek e, de certa forma, no II Plano Nacional de Desenvolvimento do general Ernesto Geisel.

José Luiz Fiori cita três projetos que se digladiam no Brasil: o projeto nacional, democrático e popular desenvolvimentista, o projeto nacional desenvolvimentista e o projeto do liberalismo, do monetarismo ortodoxo, com sua política de abertura e disciplina fiscal, que tem suas raízes em Joaquim Murinho, passa por Eugênio Gudim e Roberto Campos e foi abraçado por Fernando Henrique e Pedro Malan, que deram corpo à sua aplicação nas condições da globalização e do neoliberalismo.

O projeto nacional, democrático e popular desenvolvimentista tem suas bases na luta das correntes democráticas mais avançadas e nas jornadas populares. Vem de certo tempo, e Celso Furtado é um importante representante deste projeto. Também o PCdoB está nele incorporado. Em particular desde 1989, quando iniciamos nossa aliança com o PT, estamos empenhados em buscar a vitória do projeto nacional, democrático e

popular desenvolvimentista. A predominância das orientações ultraliberais criou uma situação em que o nosso projeto estava fora da agenda. Mas agora, as forças vitoriosas estão em condições de torná-lo realidade.

As tendências mudancista e continuísta continuam disputando a orientação para o país. São enormes e poderosas as pressões para evitar alteração dos rumos do país. Mas existe uma base objetiva para a mudança. As contradições entre setores empresariais interessados no desenvolvimento e setores financeiros que lucram com a especulação e as elevadas taxas de juros, ganham vulto. Segundo Emílio Odebrecht, "o grande capital não tem servido à produção, que promove o crescimento e gera trabalho; tem se realimentado em uma ciranda especulativa sem fim". Outros grandes empresários e a própria Federação das Indústrias do Estado de São Paulo pensam da mesma forma. Essa contradição "moderna" do capitalismo gerou uma base social e política favorável à mudança na fase da transição.

A luta será dura e difícil. É necessário compreender o tamanho do desafio que temos pela frente. Ganhar a eleição é mais fácil do que governar o país. Na Venezuela, por exemplo, Hugo Chávez não está conseguindo implementar sua proposta de governo. Na Argentina, a oposição ao neoliberalismo não conseguiu se colocar como alternativa efetiva de poder. Por isso, as forças democráticas e populares de todo o mundo olham para o Brasil com expectativa e esperança de que consigamos enfrentar o desafio grandioso que se nos apresenta.

teúdo deste pensamento é advogado pelo PCdoB há vários anos: a união das bandeiras da soberania nacional, democracia e direitos sociais – representados pela defesa da geração de empregos e valorização do trabalho –, colocando no centro da batalha a questão nacional. Desde o fim da ditadura militar o PCdoB pelega por estas bandeiras.

Outro aspecto saliente: a compreensão de que a vitória dessas bandeiras só se tornaria possível com a formação de uma ampla frente, de centro-esquerda, apoiada por um movimento cívico e expressa numa candidatura que unisse a maioria dos brasileiros. Quem frisava e se batia por esta concepção era o PCdoB. Com o tempo, o setor dominante do PT foi incorporando também este pensamento.

Os resultados de outubro também foram particularmente favoráveis aos comunistas. Mais de 9 milhões de eleitores votaram no número 65, os candidatos e a legenda do PCdoB, quando a grande onda era o voto no 13, do PT. Elegemos 12 deputados federais e 17 deputados estaduais, além do vice-governador do Piauí. Ultrapassamos os 2% dos votos nacionais. São votos conscientes, pois o voto no 65 era mais difícil, menos divulgado – esta questão deve ser discutida nas futuras batalhas e relacionada com a reforma política que se pretende adotar no país. O resultado de 2002 foi bastante positivo para nós, do PCdoB.

## Tarefas estratégicas

A aliança atual, com a vitória de Lula e do PT, envolve tarefas estratégicas. O objetivo é montar e construir um governo de reconstrução nacional, que abra caminho para nossos objetivos de transformação e desenvolvimento. Não é simples. Para isso, devemos lutar nas condições atuais. Temos de ter flexibilidade em relação à rea-

Participação destacada do PCdoB

O Partido Comunista do Brasil é participante construtivo e ativo da Frente Opositora de Outubro. Foi um elaborador destacado do pensamento político vitorioso. O con-

CDM  
Centro de Documentação e Memória  
Fundação Maurício Grabois

## NACIONAL

lidade concreta, ao nível da batalha de hoje.

Nossa tática é flexível, revolucionária e ampla. Precisamos estabelecer e manter o diálogo com os segmentos envolvidos no novo projeto para o país e, ao mesmo tempo, garantir a mobilização popular. Estes dois movimentos estão relacionados – sem a mobilização popular, o curso político pode se tornar adverso! Esta realidade vai exigir muito mais de nós. Está em jogo a construção de um novo projeto para o país, com expressiva participação popular.

O principal desafio colocado hoje é retomar um novo ciclo de crescimento com bases novas e tomar iniciativas de caráter distributivo de renda. A questão do crescimento é nodal. Ou o país retoma o desenvolvimento em novas bases, ou vamos fracassar. No caminho desenvolvimentista, a desigualdade social não pode ser relegada. São necessárias medidas efetivas de redistribuição de renda e de melhoria das condições de vida e trabalho da população.

É grande a dimensão da mudança. O país parte de uma situação de desmantelo. Dada a situação de profunda crise em que o país se encontra, dada a herança nefasta deixada por Fernando Henrique Cardoso, com o país em crise cambial e perigo de insolvência, não é possível ir de forma direta para o novo projeto de construção nacional que objetivamos. Um período de transição se impõe, e como toda transição, não está definido de antemão quem irá ganhar.

Deve-se levar em conta, igualmente, que a transição ocorre numa situação internacional de ameaça de guerra, onde as medidas belicistas do governo estadunidense acarretam tensão no mercado e as economias centrais diminuem seu ritmo de crescimento. Os EUA baixam, sucessivamente, os juros, buscando atrair investimentos. O mercado externo não está favorável para o aumento de exportações e a obtenções dos superávits exigidos pelo FMI.

Segundo o presidente do PT,

José Dirceu, a transição terá três fases, com a primeira, que vai até a posse, já em curso. A segunda fase terá início com a instalação do novo governo e a terceira será a da preparação para o novo projeto. A fase atual é de intensa luta entre a tendência que quer manter o modelo atual, fazendo ajustes e reciclagens, e os setores mudancistas. Os defensores da concepção continuísta chegam a afirmar que o país está pronto para crescer, mas esta situação, este país, não existe!

Já a proposta mudancista pode ter a dinâmica de manter compromissos assumidos pela frente, mas questionando-os e preparando a nova alternativa. Baixar os juros, definir um nível mínimo para as reservas cambiais e negociar os índices de superávit primário assumidos com o FMI é um caminho que se apresenta viável no momento presente. Estas posturas não significam rompimento de contrato, mas questionam o seu conteúdo e preparam terreno para a implementação de novas políticas.

Simultaneamente, devemos resistir às investidas pela criação de um Banco Central independente – independente de quem? Do projeto nacional, democrático e popular desenvolvimentista? Outra questão que ganha relevo é a do salário mínimo. Um reajuste significativo do salário mínimo tem papel político importante, pois sinaliza para a retomada do desenvolvimento e para medidas distributivas de renda. O programa de Fome Zero, proposto por Lula, não é contraditório com o aumento do salário mínimo. Se isto implica na revisão do orçamento, que o assunto seja analisado.

Lula também tem falado em um Pacto Social – o termo mais correto, na realidade, seria Pacto Nacional. No nosso entender, este pacto deve incluir plataformas de defesa do Brasil, metas para um novo ciclo de retomada de desenvolvimento e crescimento econômico, reforço da poupança, estabelecimento de prioridades de investimento. Deve abarcar a política industrial, o planejamento da

exportação e importação, com substituição de importações, e uma política de ciência e tecnologia vigorosa. Deve definir e contemplar as reformas tributária, da previdência, trabalhista e política.

Como afirmou o Celso Furtado, o projeto do novo governo “está na cabeça de Lula”. Ele tem que ser definido para o conjunto da sociedade. O Conselho Econômico e Social tem de ter agenda e objetivos claros. Esse Conselho abarca forças muito heterogêneas, e é importante que seu rumo seja apontado...

O PCdoB está pronto e apto para participar deste novo nível da vida política nacional. Compreende o caráter da luta em curso e se coloca decididamente ao lado das forças pela mudança, reforçando o novo projeto de Brasil. É com esta visão e perspectiva que atuaremos.

*\*presidente do PCdoB, intervenção na terceira reunião ordinária do Comitê Central, 8 a 10 de novembro de 2002 em São Paulo*

# A formação e propaganda face à nova realidade política

ADALBERTO MONTEIRO \*

A qualidade nova da vida política do país com a eleição de Luiz Inácio Lula da Silva à Presidência da República e o desempenho do PCdoB no pleito de 2002 são os dois referenciais mais importantes para delinear os desafios referentes ao trabalho de formação e propaganda dos comunistas para o futuro imediato.

Nossas primeiras análises em relação ao triunfo histórico de 27 de outubro afirmam que se abriu uma página nova da história nacional. Rica de potencialidades e possibilidades, mas, também, preñe de indagações e riscos. As mudanças encerram essas características. O novo venceu, contudo, sua consolidação exige um itinerário sujeito a sobressaltos. É o que se chama de transição.

Como ainda estamos sob as festas do centenário de Carlos Drummond de Andrade vamos parafrasear seu poema mais conhecido: para efetivar as mudanças que o Brasil precisa, haverá muitas e muitas pedras no caminho do governo Lula. Na relação concreta da teoria com a vida, já se exigem luzes da primeira sobre a segunda para compreendermos melhor a dinâmica dessa transição – suas fases, seu ritmo, as alianças e manobras necessárias à sua realização.

Nem o governo tomou posse, sequer foi constituído, e os dilemas e o debate já se instauram. Surge à direita e à esquerda uma dialética frenética que concebe a mudança como algo instantâneo, um fenômeno que se efetiva imediatamente – e já. A direita neoliberal que esteve no governo nos últimos oito anos oculta a herança perversa do seu reinado e, hipocritamente, torna-se a maior na “defesa dos direitos sociais”. Exige que o novo governo, num passe de mágica, recupere o país que quase foi destruído por ela. Os trotsquistas

e pseudo-radicalis já afiam suas facas e batem os seus bumbos para cumprir o nefasto papel de sempre: o de força auxiliar dos inimigos do povo.

A ótica dos comunistas é que as pedras não podem vencer, isto é, a efetivação da mudança não pode sucumbir aos obstáculos. O norte é a reconstrução do país sob o paradigma da soberania, da democracia e do resgate dos direitos dos trabalhadores e do povo. Tal objetivo, compromisso maior assumido com os brasileiros, deve reger cada ato, cada decisão do governo sob pena de fracasso. É claro que, para tal, necessita-se de flexibilidade, sagacidade e habilidade política para enfrentar as forças reacionárias, tanto internas quanto externas.

Algumas demandas teóricas insurgem-se desse cenário e cabe ao setor de formação e propaganda oferecer ao coletivo partidário o suporte teórico necessário. Tivemos uma campanha marcada pela luta de idéias e teremos um governo sob o bombardeio de intensa celeuma. E temos de nos preparar para isso.

Primeiro problema. O governo Lula será um governo de uma frente política da qual os comunistas são integrantes. A produção marxista-leninista acerca da atuação em coalizões e a rica elaboração e experiência do PCdoB nesse terreno devem ser ressaltadas nas atividades de formação. O domínio da categoria unidade e luta que rege nossa presença em frentes políticas é uma exigência importante desse ciclo histórico que se abriu. No contexto concreto, teremos de aplicá-la com clareza de rumo e flexibilidade, tendo em conta que objetivo tático imediato é a consolidação da vitória, do novo governo.

Segundo problema. Impõe-se dissecar o termo transição tanto do ponto de vista filosófico quanto histórico. Como a dialética, a filosofia marxista, trabalha essa ca-

tegoria *transição*? Alguns enfoques antagônicos se confrontam. Há uma visão idealista e esquemática que concebe a mudança como algo que se instaura instantaneamente. Sob essa ótica o novo surge pronto e acabado. Em outro extremo, existe a concepção de que a transição se dá tão lentamente que se torna um fim em si mesma. Só se faz concessões sem nenhum enfrentamento e, desse modo, o velho ressurge e a mudança não se efetiva.

A abordagem dialética indica que uma vez conquistado o governo é preciso percorrer um itinerário no qual seja possível superar condicionantes principais herdados do velho governo. A transição é marcada por um entrecchoque de tendências e contra-tendências.

A vitória proporciona a possibilidade de mudança, mas não está garantido, a priori, que essa possibilidade se tornará realidade. O triunfo efetivo da mudança requer fidelidade ao projeto, a habilidade para construir uma maioria política que sustente a governabilidade e faça os enfrentamentos necessários.

Terceiro problema. O PCdoB deve participar do governo da República. Temos já uma significativa experiência nas esferas estadual e municipal. Mas no que concerne ao governo federal nossa experiência é praticamente nula. Do ponto de vista teórico coloca-se a necessária compreensão acerca da relação partido-governo e governo-movimento social. A diretriz apoio, participação e independência tem sido o referencial da relação do PCdoB com governos aliados. A direita joga com o confronto entre o movimento social e o governo. Dissemina que o povo em estado de pauperismo não terá paciência suficiente e logo jogará pedras no novo governo. De um lado o governo não pode perder o apoio do movimento social e este por sua vez, sem perder

sua independência, ao respaldar o governo que ajudou a eleger deve conhecer um período de expansão e florescimento.

## O PCdoB que a batalha revelou

Outro referencial definidor ao trabalho dessa frente vem do estudo concreto do desempenho do PCdoB na grande batalha que há pouco findou. É no curso dos confrontos que vem à tona as qualidades e os defeitos de uma organização de vanguarda e se revelam sua saúde e seus males. O balanço pelo Comitê Central indica que o Partido obteve uma importante vitória. Mais de nove milhões de votos conquistados, 12 deputados federais e 17 deputados estaduais eleitos. Esses números decorrem de uma série de características positivas de nossa organização: vínculos com as massas; capacidade de articulação política e arrematamento de recursos; capacidade de elaboração e de empreendimento da luta de idéias.

Ao lado de discriminar essa gama de atributos positivos, é importante no plano dos Comitês Municipais, dos Comitês Estaduais e do Comitê Central, apontar as debilidades apresentadas. Qual foi a qualidade e a eficácia de nossa propaganda? Como a militância, em seus diferentes níveis, respondeu à luta de idéias que marcou a campanha? O Partido atuou coeso ou sofreu tensões internas? Aos que se filiaram no curso das eleições, já foi oferecida alguma oportunidade de formação?

Do ponto de vista mais geral nossa participação nas eleições escancarou uma vez mais um tema estratégico sob o prisma da estruturação do Partido Comunista. Como construí-lo mantendo sua essência revolucionária, tendo ele uma necessária e fecunda presença na luta parlamentar e nas instâncias de governo?

O que se delinea é um longo processo de acumulação de forças com o Partido travando lutas, sob o âmbito da legalidade e da democracia burguesa. Temos que ter em mente que a estruturação partidária nas novas circunstâncias ganha perspectivas inéditas e demandas ainda não enfrentadas. A possível participação no governo central nos dará mais visibilidade e, portanto, melhores condições de crescimento.

Isso, em primeiro lugar, é uma conquista e uma oportunidade histórica rara e dela devemos extrair ao máximo as oportunidades para agigantar o Partido. Com a viragem histórica ocorrida, podemos ampliar muito o número de militantes e renovar o plantel de quadros dirigentes. Renovar tanto do ponto de vista numérico quanto da capacitação política. Contudo, esse contexto e o peso da luta parlamentar-institucional podem exercer pressões ideológicas negativas sob aspectos variados.

Essas considerações sublinham a importância do revigoração do trabalho teórico, da construção ideológica e da elevação de nossa capacidade em travar a luta de idéias. É imperativo que essa atividade acompanhe em grandeza e qualidade a expansão da influência política e do crescimento orgânico do Partido em todo o país.

Nesse sentido, faz-se necessário o relançamento do Instituto Maurício Grabois (IMG) no plano nacional e nos Estados; a estruturação da Escola Nacional como núcleo propulsor e organizador do trabalho de formação; o fortalecimento da revista *Princípios* e do jornal *A Classe Operária* com redefinição da linha editorial e da periodicidade; e incremento do Portal Vermelho.

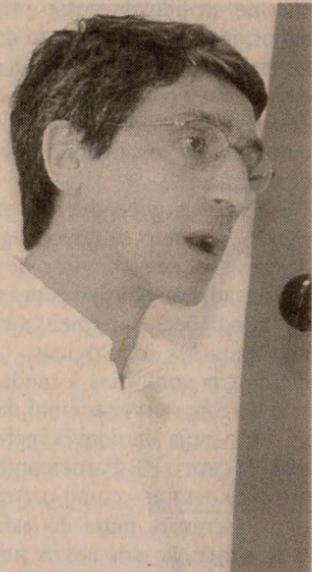
\*Jornalista e poeta, é secretário nacional de Formação e Propaganda do Partido Comunista do Brasil.

PCdoB

# Preparar o Partido para o novo curso político no País

WALTER SORRENTINO\*

É próprio do caráter de nosso Partido não se bastar com a atividade política. Esta, e mais as conquistas que alcançamos graças a ela, servem a um projeto maior. Por isso ao avaliar os resultados eleitorais, pautamos simultaneamente as questões relativas ao partido, como faces de uma mesma moeda, inseparáveis. É nosso testemunho por um partido comunista ativo, que jogue papel na decisão dos rumos nacionais, moderno, e ao mesmo tempo fiel a seu princípio maior, marxista e transformador, procurando fazer uma justa combinação entre a luta institucional e a luta do povo, e entre estas e a construção permanente do Partido.



Walter Sorrentino

A vitória eleitoral alcançada representa uma clara inflexão na história política do país e abre um novo ciclo, capaz de mudar os destinos nacionais. Novas exigências e potencialidades se abrem para a construção partidária, muito mais favoráveis. Faremos uma experiência inédita em nossa vida nestes mais de 80 anos de existência - um PCdoB presente como força política destacada na construção dos rumos nacionais, integrante do próprio governo central. Coroa-se assim todo um período, que vem desde a ditadura e atravessou estes 17 anos de legalidade. Abre-se uma nova fase, que nos instiga o pensamento e a prática acerca das questões de Partido.

Extrair desse quadro todas as conseqüências para impulsionar a atividade partidária requererá maturação. Iniciamos hoje esse processo. Vamos examinar o desempenho partidário no curso do grande combate travado neste ano, à luz dos exames feitos no 10º Congresso. Trata-se de uma construção coletiva, que passará por diversos fóruns, até sermos capazes de fixar as grandes coordenadas que emergem em diretas para a próxima etapa do Plano de Estruturação Partidária.

## Desempenho partidário no curso da batalha política eleitoral

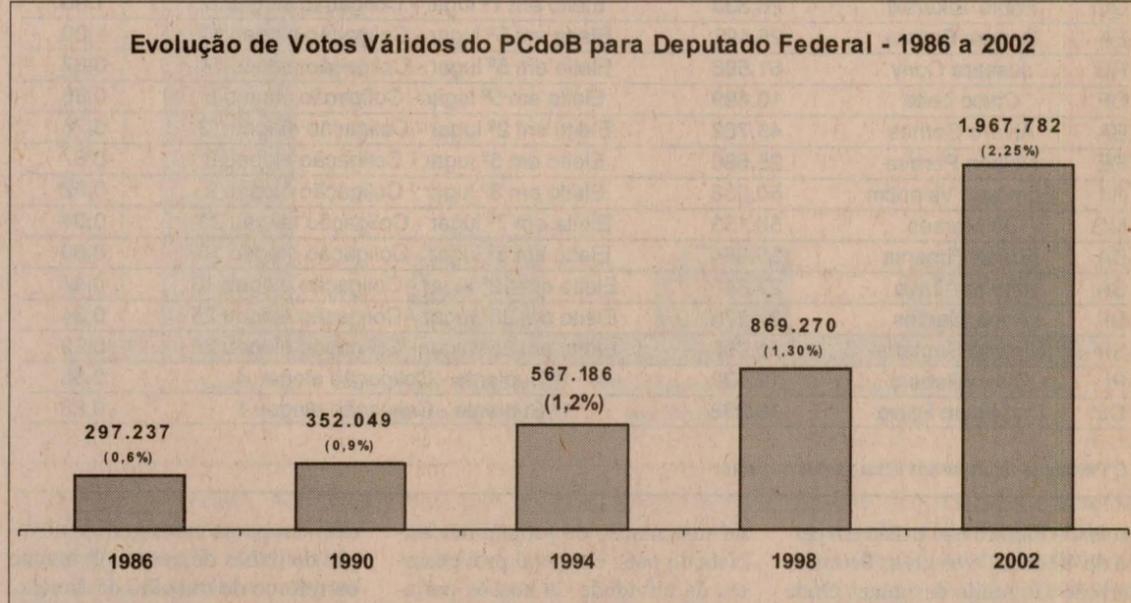
Revela-se a força e as debilidades partidárias nos grandes combates. Os resultados eleitorais compõem uma radiografia do desempenho partidário, de sua inserção social e influência política, da projeção de suas lideranças, da capacidade de articulação e de pôr em movimento uma campanha do porte do exigido, aí incluída a base material e econômica.

Elegemos 12 federais em 10 Estados e elegemos 17 estaduais em 13 Estados, com um aumento de 70% de ambas as bancadas com respeito a 98. Ultrapassamos o objetivo de 2% do eleitorado nacional à Câmara Federal, alcançando 1.967.782 votos, 2,25% dos votos válidos, num crescimento de 126,9% relativamente à votação alcançada em 1998. Aumentamos em 71,4% a bancada federal, 72,7% a votação à Câmara Federal. Nessa proporção somos o 11º

partido em representação parlamentar e votos. Elegemos um vice-governador. A nossa representação parlamentar existe em 14 estados. Neles se concentra o principal da força partidária, salvo uma ou outra exceção. A votação é extremamente concentrada nas capitais e nas demais 46 cidades com mais de 200 mil eleitores. O Partido está bem situado no NE, SE e N e aí se verificou o maior crescimento proporcional da influência partidária, amealhando 86% dos votos alcançados. No AM, CE, AC, DF, PI ultrapassamos 5% dos votos válidos. O desempenho eleitoral do partido é mais débil na região Sul e CO (decaiu a participação relativa dessas regiões na cesta nacional de votos do Partido - um problema, dada a importância delas na sociedade brasileira). Expressivas lideranças foram construídas pelo Partido, agora com expressão eleitoral marcante. Particular relevo tem a dimensão de 7 deles serem oriundos da atividade sindical e um terço serem mulheres. Em termos de mandatos, registra-se a conquista de mais um vereador em Curitiba, em Salvador e em Juiz de Fora. Há possibilidades também de alcançar vereador em Vitória do Espírito Santo.

A votação do PCdoB tem marco especial se considerarmos que o voto na legenda e nos candidatos 65 foi um voto consciente, que superou a pesada fixação em torno do 13. É de se referir o caso do AM, onde além de termos a candidata campeã de votos, tivemos o voto de legenda 65 maior que no 13. Os candidatos comunistas aumentaram muito sua relação de confiança com o povo, somando ao todo cerca de 9,3 milhões de votos de aprovação a comunistas em todas as esferas a que concorremos. Particularmente bem sucedida foi nossa experiência de candidaturas ao Senado. Muitos são os campeões de votos em seus estados, ou campeões dentro da coligação. O resultado não é ainda maior porque o número de candidatos ainda foi contingenciado pela força rarefeita do Partido no âmbito de cada Estado. Os resultados foram uma vitória expressiva, cumprindo no essencial os objetivos que fixamos para 2002.

Esta foi a maior campanha



realizada pelo Partido, em termos de mobilização e alcance, a que exigiu maior capacidade de mobilização e gerenciamento por parte de suas direções, a que mobilizou mais recursos materiais e humanos. Demonstrou vitalidade do coletivo partidário e uma força maior da estrutura militante do Partido. Elevou-se sobremaneira o trabalho de direção central e de muitas direções estaduais e municipais. O PCdoB acumula já alguma experiência de campanha eleitoral. Atribuímos a vitória expressiva à correta orientação política e ao esforço militante desenvolvido pela máquina partidária em todos os níveis, incluídos os candidatos.

A campanha eleitoral integrou, como eixo central, a 2ª fase do PEP. Como um todo o partido se preparou ativamente para a batalha eleitoral e conheceu uma mobilização de 100% de seus efetivos. Mobilizamos nas Conferências de 2002 cerca de 30 mil militantes - foram 34 mil militantes mobilizados para o 10º Congresso. Houve grande unidade no Partido quanto à linha adotada nacional e estadualmente. No balanço parcial do PEP em junho constatávamos que, ao lado do consenso em torno de seu propósito, se havia posto firmemente a política no comando, e que essa era a premissa central do período de campanha - estruturar o partido no seio da batalha. As metas centrais

foram traçadas em torno de realizar as Conferências por intermédio de Assembléias de Base, e persistir no trabalho de filiação durante a campanha. Referia-se que o partido se apresentava em expansão e isso devia progredir. Todos os relatos existentes são de que o Partido reforçou filiações neste período, particularmente em outubro, embora não detenhamos dados objetivos para contabilizar. Notícias do RS indicam filiação de quase 100 lideranças do PPS, e estudantes, advogados, metalúrgicos. No RJ filiaram-se 10 metalúrgicos de Volta Redonda, 5 dos quais da comissão de fábrica. Vereador de Surubim em PE ingressa no partido. Lideranças populares de expressão no mundo do esporte e associativo filiaram-se em São Paulo.

Cumprimos também razoavelmente os propósitos de forte ação no plebiscito da Alca. Ao lado disso lançamos a campanha pela redução da jornada de trabalho, realizamos os congressos da CSC, da UJS e da Conam. Mergulhamos todas as frentes de massas na grande disputa política que se travou no país. Planos mais de fundo, integrantes da fase anterior do PEP, foram encaminhados em escala diferenciada: registra-se o trabalho junto ao proletariado, que verificou alguns avanços importantes no RJ e MG, em menor escala na BA, e manifesta importância de avançar em SP.

No plano de propaganda, chegamos à escala de falar para milhões, por intermédio de nossa publicidade de campanha, principalmente a TV e rádio. É um esforço de porte o que realizamos. Na comunicação, a inovação representada pelo Portal foi marcante. Os dados disponíveis indicam um grande ascenso do número de acessos - abril 38.263, maio 49.039, junho 53.794, julho 53.424, agosto 73.775, setembro 92.815, outubro 124.532 (sendo 20.273 do exterior); o tempo médio de cada acesso foi de cerca de 13 minutos. Nas finanças, aumentou a contribuição com o Sistema Nacional de Contribuições, e aumentou a fidelização, estimulada por campanhas como a de "Vá a Cuba com o Sincom".

Na batalha eleitoral, a par do êxito político alcançado, revelaram-se algumas dificuldades estruturais do partido, de fundo político, ideológico e organizacional-gerencial.

É pequena - e mesmo muito pequena - nossa base organizacional. Embora concentrada nas maiores cidades (de onde provém a esmagadora maioria de nossos votos e se situa o grosso de nossa estrutura partidária), na verdade a militância organizada é de reduzido alcance ao nível dos Estados como um todo, e relativamente rarefeita para o porte da batalha que se apresentou. Mesmo nas 225 cidades com mais de 100 mil habi-

## POSIÇÃO DOS DEPUTADOS FEDERAIS

UF	CANDIDATOS	VOTOS	COLIGAÇÃO	PERC. (%)
AM	Vanessa Graziottin	197.419	1º Lugar do Estado - Coligação elegeu 4	17,18
CE	Inácio Arruda	302.627	1º Lugar do Estado - Coligação elegeu 5	8,34
AC	Perpétua Almeida	21.930	1º Lugar do Estado - Coligação elegeu 3	7,87
DF	Agnelo Queiróz	95.879	2º Lugar - Coligação elegeu 3	7,85
PI	Afonso Gil	73.883	2º Lugar - Coligação elegeu 2	5,02
RJ	Jandira Feghali	264.384	2ª do Estado - 1ª da coligação - Coligação elegeu 8	3,28
BA	Alice Portugal	121.043	3º Lugar - Coligação elegeu 9	2,03
PE	Renildo Calheiros	72.324	5º Lugar - Coligação elegeu 5	1,9
BA	Daniel Almeida	95.485	6º Lugar - Coligação elegeu 9	1,6
MG	Sérgio Miranda	78.287	9º Lugar - Coligação elegeu 16	0,81
SP	Aldo Rebelo	134.207	12º Lugar - Coligação elegeu 20	0,68
SP	Jamil Murad	95.297	20º Lugar - Coligação elegeu 20	0,49
RR	Zé Adalberto	2.291	1º Suplente - Coligação elegeu 1	1,36
GO	Aldo Arantes	66.247	1º Suplente - Coligação elegeu 2	2,54
PA	Socorro Gomes	50.967	1º Suplente - Coligação elegeu 4	1,92
SE	Tânia Soares	22.980	2º Suplente - Coligação elegeu 3	2,65
CE	Lula Moraes	17.175	2º Suplente - Coligação elegeu 5	0,47

O percentual é relativo aos votos válidos no Estado

CDM  
Centro de Documentação e Memória  
Fundação Maurício Grábois

## PCdoB

## POSIÇÃO DOS DEPUTADOS ESTADUAIS

UF	CANDIDATOS	VOTOS	COLIGAÇÃO	PERC. (%)
AM	Eron Bezerra	28.994	Eleito em 1º lugar - Coligação eleger 2	2,52
AC	Edvaldo Magalhães	4.479	Eleito em 4º lugar - Coligação eleger 9	1,61
AP	Roseli Araújo Correia	3.492	Eleito em 2º lugar - Coligação eleger 2	1,45
CE	Chico Lopes	47.402	Eleito em 1º Lugar - Coligação eleger 1 (Chapa própria)	1,31
AC	Moisés Diniz	3.072	Eleito em 7º lugar - Coligação eleger 9	1,10
GO	Fábio Tokarski	26.333	Eleito em 1º lugar - Coligação eleger 5	1,00
PA	Sandra Batista	26.491	Eleita em 5º lugar - Coligação eleger 11	1,00
RS	Jussara Cony	51.586	Eleito em 5º lugar - Coligação eleger 14	0,87
DF	Chico Leite	10.499	Eleito em 5º lugar - Coligação eleger 5	0,86
BA	Álvaro Gomes	45.762	Eleito em 2º lugar - Coligação eleger 13	0,78
PE	Nelson Pereira	25.680	Eleito em 5º lugar - Coligação eleger 8	0,67
RJ	Edmilson Valentim	50.538	Eleito em 3º lugar - Coligação eleger 9	0,62
MG	Jô Moraes	58.153	Eleita em 7º lugar - Coligação eleger 23	0,61
BA	Edson Pimenta	35.664	Eleito em 5º lugar - Coligação eleger 13	0,60
BA	Javier Alfaya	27.840	Eleito em 12º lugar - Coligação eleger 13	0,47
SP	Anna Martins	67.276	Eleito em 20º lugar - Coligação eleger 25	0,34
SP	Nivaldo Santana	56.707	Eleito em 25º lugar - Coligação eleger 25	0,29
PI	Olavo Rebelo	12.520	1º Suplente - Coligação eleger 4	0,86
CE	Dr. Uiatan Paiva	10.238	1º Suplente - Coligação eleger 1	0,28

O Percentual refere-se aos votos válidos no Estado

tantes, o Partido não existe em cerca de 40 delas, e os graus de estruturação são muito desiguais. Onde se concentra nossa força, houve intensa mobilização. Em campanhas, muitas vezes o esforço do partido extravasava amplamente o das bases organizadas, o que não é mau. Mas revela-se, direta ou indiretamente, falta de maior organicidade na vida das bases partidárias, o que piora em época de campanha eleitoral. Constata-se a dificuldade de elas serem centro aglutinador e mobilizador de energias, no caso para o esforço eleitoral, e falta de sua maior inserção no movimento social real, que as capacite a dialogar com setores mais largos da sociedade. Constata-se também que avançou pouco a massa de militantes, em correlação com o nível do envolvimento do PCdoB na batalha e com seu maior protagonismo político. Nos últimos anos, a militância partidária tem girado ao redor dos 30 mil, ou seja, a aceleração do crescimento partidário aparentemente chegou a um teto provisório. Claro que valorizamos muito esse crescimento porque ele se deu nos marcos de um ciclo de resistência, muito difícil para a militância e as organizações populares. Mas ele tinha um teto, que não superamos. Em alguma medida isso pode expressar limitações e estagnações de nossas linhas de construção partidária.

É muito reduzida nossa base material e financeira. No nível em que a disputa se colocou, particularmente nas alianças com PT, isso foi fator de peso determinante para que os resultados obtidos não fossem melhores. Evidencia-se um atraso político quanto aos modos de financiar a campanha, nos marcos de um processo eleitoral das dimensões da do Brasil, em aliança com o PT. Tal atraso se manifesta na falta de política, de planejamento, de provisões para esse fim, e na falta de uma normatização política, fixando os limites políticos e éticos de tal atividade, na ausência dos quais impera o pragmatismo. Manifesta-se ainda em visões acanhadas ou simplórias, muito aquém do nível da batalha. Estamos avançando nessa matéria, nacionalmente e em alguns Estados. Não obstante, os resultados são muito desiguais, porque o assunto é pouco tratado politicamente e há visões defensistas. O fator diferencial nessa desigualdade foi a participação em órgãos executivos, e uma visão política ousada com respeito a setores

de sustentação do projeto mudancista do país, em geral provenientes da atividade de nossos parlamentares.

No tensionamento do Partido para a campanha, acentuam-se problemas decorrentes da intensiva atuação institucional – parlamentos, executivos, entidades de todo tipo – do partido. A formação de estruturas de poder internas ao partido, a disputa entre interesses de lideranças partidárias e o coletivo, as pressões dos anseios individuais, são fenômenos cada vez mais intensos. Problematizam o projeto e a unidade partidária, e a própria atuação dos comunistas nessas instituições. Nem sempre encontraram nas direções a necessária conduta de ser centro dirigente que decide em nome de todos, com autoridade e método adequado, estabelecendo os devidos contrapesos e controle coletivos. Foram mais marcantes esses problemas lá onde o partido se apresentou com diversas candidaturas – a rigor uma experiência relativamente nova no partido – o que impõe uma correta combinação entre centralização (de rumos, de alocação de recursos, etc) e descentralização (de esforço e iniciativa de campanha). Segue sendo necessário um permanente trabalho pela concepção de que os mandatos e espaços conquistados na atuação partidária são dirigidos pelo Partido e devem estar a serviço do fortalecimento do Partido.

Dificuldades de várias ordens e graus ocorrem ao nível das direções do partido e se manifestam nos resultados da campanha. Instâncias dirigentes que se diluem ou desestruturam na campanha, fragilidades de sua composição, ausência de apoio ao nível de comitês municipais e bases, rebaixamento das tarefas permanentes das secretarias do Partido (como a utilização dos instrumentos de propaganda, por exemplo) são algumas dessas dificuldades. É de referir-se a falta de renovação em diversos núcleos dirigentes, criando certas situações viciosas que não são superadas. Mais grave é quando se manifestam fraturas de unidade e coesão de centros dirigentes. Nossa radiografia precisa registrar alguns desses problemas como pauta para o futuro imediato. Está afetada a unidade e coesão do Partido em GO. Outros problemas de unidade no projeto partidário mas de diferentes intensidades se manifestaram nas direções da PB, PA, PR. Outros colo-

cam em pauta esforço de renovação de linhas de desenvolvimento ou reforço do trabalho de direção, como no RS, DF, PI, AL, MA, SE, SC. Grandes Estados como SP, BA, RJ, MG, PE e AM deverão proceder a ajustes de trabalho de direção. RO, MS são exemplos de situação limite na nossa tentativa de implantar o partido. RR e AP carecem de investimentos por parte da direção nacional, pelo potencial que encerram. Assim, de conjunto, ajustes serão exigidos em quase todas as situações. São questões que deveremos equacionar desde já, projetando-as para o âmbito das Conferências de 2003, já beneficiados pelas potencialidades do quadro político.

Em suma, fizemos a maior campanha já realizada pelo Partido, e alcançamos expressiva vitória política e eleitoral. Mas devemos reconhecer que é pequena ainda nossa expressão eleitoral e nossa capacidade de fazer frente ao nível de batalha posto pelo predomínio atual da luta institucional-eleitoral, nos marcos de um país das dimensões do Brasil (uma das maiores "democracias eleitorais" do mundo), com campanhas marcadas por forte profissionalismo, no seio de uma aliança de força muito (e crescentemente) desigual que é o PT. Em 2002 levamos nosso barco, afeito à navegação costeira, para o alto mar. Agora, precisamos nos preparar em outro nível – estamos em alto mar! A nova situação que se abre no país nos exige repensar as questões de partido em várias esferas, encontrar respostas mais elevadas. As indicações que extraíremos retomam e re-qualificam as indicações do 10º Congresso.

#### Novas perspectivas

A vitória eleitoral com Lula Presidente nos introduz em novo quadro de desafios e potencialidades para o fortalecimento do Partido. O Informe Político desta reunião do CC expõe bem a questão. O PCdoB foi parte do 1º círculo elaborador dos caminhos que permitiram essa vitória, cujos antecedentes vêm de 1989. O seu pensamento político venceu! Como foi dito, é a primeira vez que nosso Partido enfrenta tal situação, marcante a todos os títulos. Após quase 67 anos de clandestinidade, ilegalidade ou semilegalidade, alcançamos a legalização política em 1985. Demos sucessivos balanços

dos êxitos e debilidades dessa fase. Agora, cria-se nova clivagem em nossa experiência, e podemos mesmo ser participantes do governo central, caminho sem precedente, numa experiência que tem sentido estratégico para abrir caminho a transformações profundas no país. Ainda que numa situação de defensiva no sentido de nosso projeto maior, inverte-se a situação de resistência política à onda neoliberal, e abre-se um período de outro tipo, destinado à reconstrução nacional numa situação contraditória e cheia de percalços.

Vamos empreender essa experiência, portanto, em meio a grandes desafios de elaboração de nosso pensamento político para as novas condições, e em meio a enormes pressões ideológicas – seja das forças contrárias à mudança, seja da força gravitacional de ser governo, seja da convivência intensiva com o PT. Participando do governo central – como pretendemos – seremos parte do esforço pela afirmação dos novos rumos, que pressupõe unidade e luta, diálogo e mobilização, como afirma o Informe Político.

Repõe-se em outro nível o desafio de manter e fortalecer uma corrente marxista-leninista, revolucionária, com base de massas, em nosso país. Nossa reflexão sobre o partido nesse contexto deve ter por norte a questão de manter e ampliar seu protagonismo político, agora tornado mais complexo na elaboração política e teórica, e elevar sua atuação de massas e expressão eleitoral. Simultaneamente, trata-se de assegurar e desenvolver o caráter do Partido, persistindo em seu fortalecimento ideológico e orgânico. Em suma, a nova situação libera energias. Alteram-se as condições para construir e vincar nossa corrente política no país. Exige-nos ousadia, para preparar o Partido para os novos tempos e manter a vigilância sobre seu caráter. Importa não deixar crescer mais ainda o fosso entre nossa influência política e nosso grau de estruturação pelo país, o que aponta antes de tudo para o fortalecimento de sua massa de militantes e formação em maior escala de seus quadros. Tudo isso articula respostas políticas, teórico-ideológicas, organizativas e mesmo gerenciais. O pivô dessa articulação é o projeto político do Partido, materializado agora em uma tática consoante com o novo quadro que se abriu no país.

#### Independência, unidade e luta

Papel essencial tem o componente político nesse relançamento das perspectivas partidárias. Estamos dando início hoje, nesta reunião do CC, à construção da nova tática exigida para esta nova etapa, à luz do pensamento político do Partido. Esse é o vetor principal para situar o Partido no novo quadro de possibilidades. Isso já representa um desafio para nossos quadros dirigentes, em todos os níveis, e mobiliza-nos as energias: adensar o pensamento político, em todas as instâncias do partido. Enfrentar a presente transição e a afirmação de um novo modelo para o desenvolvimento do país exige, a um só tempo, um pensamento político ancorado em bases estratégicas, e centralizado e articulado em seu imbricamento com políticas públicas e de Estado. Requer de cada um de nós

maior prática nos mecanismos reais que regem a sociedade, e maior formação em várias áreas de experiência. Ambos reclamam desenvolvimentos teóricos para compreender a experiência que vem fazendo nosso país e nosso povo, a muitos títulos original.

Não desconhecemos que as potencialidades de nosso desenvolvimento estarão intimamente vinculadas ao desempenho do novo governo. Precisamente por isso, nossa tática precisa construir os espaços próprios do Partido, com marcas distintivas, conferir à sua política uma base de massas, impulsionar o Partido em seu crescimento eleitoral. Isso se liga à questão da independência do partido, indispensável nas condições de participante do novo governo, balizando o inevitável processo de unidade e luta no interior do amplo arco de forças atuantes nesta transição, de modo estrito, e na vitória mesmo de um projeto da transição a um outro projeto nacional, de caráter nacional, democrático, popular e desenvolvimentista. Unidade e luta que nos coloca a questão primeira e imediata de consolidar o novo governo, sem reboquismos nem sectarismos.

Temos sido demarcadamente uma força independente, do ponto de vista político e ideológico. Forças mais clarividentes enxergam no Partido uma política de cunho mais estratégico, e um rico pensamento tático. Isso é um grande trunfo de nossa trajetória. Entretanto, a força estruturada do partido condiciona nossa tática eleitoral e, nesse âmbito, dependemos muito da aliança com PT. Aos olhos de grande parte da população somos co-participantes do consórcio eleitoral petista, reduzindo nossa visibilidade política.

Por isso, nossa nova tática precisa se desdobrar também em um projeto eleitoral para 2004 e 2006. Esse deverá ser um dos marcos das conferências do ano que vem. Precisamos examinar um projeto eleitoral ampliado, incluindo candidaturas próprias do Partido ao nível de Executivos municipais, alargando o âmbito de nossas candidaturas. Se estamos em alto mar, não há como recusar esses novos desafios, semear para colheitas futuras com a legenda própria do PCdoB. Eleições municipais são momento propício para lançar as bases para essa extensão. Deveremos articular isso com o esforço para encontrar uma proposição concernente à reforma política. As barreiras estão estabelecidas para 2006 e nos limitam o horizonte. As novas condições são mais favoráveis para alterar democraticamente o que está estabelecido. Um reexame aprofundado da questão precisa ser feito, para pautar as forças avançadas no âmbito da reforma a ser proposta pelo novo governo.

#### Luta de idéias e caráter de Partido

O componente político se articula com a exigência, também central, de colocar decididamente a luta de idéias em outro patamar. Cada tempo traz seus próprios desafios. A sociedade brasileira, na presente transição a um outro modelo que supere o legado neoliberal, precisa se libertar sobre as saídas e as perspectivas. Ao lado disso, na esfera teórico-ideológica, na luta de idéias em

## PCdoB

geral, enorme painel de exigências vai se descortinando para afirmar a possibilidade de um PCdoB mais forte. Precisamos ter consciência renovada de que o que está em curso no país, e as potencialidades que a situação encerra, motivam reexame de interpretações do Brasil e sua complexa sociedade, exigindo re-elaborações teóricas de alguma profundidade. Falamos também do esforço em desenvolver nosso pensamento tático nas novas condições. Isso tudo coloca exigências de monta para nosso trabalho de direção nessa frente. Dependendo das energias que dispuser para esse esforço, o PCdoB pode polarizar parcela significativa dos que pensam estrategicamente o país e os desafios de sua transformação, em ligação com nosso projeto programático, de caráter socialista. É uma dimensão mais favorável que se abre, particularmente entre estratos da intelectualidade, dos militares, dos técnicos de setores estratégicos do país, do mundo da ciência e tecnologia.

Outro aspecto da mesma questão é o trabalho ideológico do Partido. A participação intensiva em esferas institucionais traz consigo um rosário de questões que, se são objetivamente inevitáveis enquanto pressão, precisam ser acompanhadas de um amplo cultivo de valores traduzidos em normas de compromisso militante. O enfraquecimento de núcleos de direção, o abarrotamento da pauta partidária com um sem número de questões do cotidiano de executivos e parlamentos, o desatamento da pressão dos anseios e carreiras, expõem-nos à pressão da cooptação e à diminuição dos vínculos com a ação de massas. Precisamos encontrar-nos firmes no propósito de perseverar no caráter revolucionário e classista do partido. Aliás, a dimensão ideológica se projeta também nos valores com que precisamos cultivar nossa militância, a começar do próprio critério de militância, fator distintivo de uma força que se quer transformadora. Mais uma vez está demonstrado, na experiência do PT, que abolir critérios de militância é passo seguro para forjar partido que se ancora nas estruturas internas de poder, notadamente de frações parlamentares e do movimento sindical. Não é nosso caminho – precisamos cuidar de evitar, para além das proclamações.

Será necessário superar o gargalo dos instrumentos, meios e recursos para colocar a luta de idéias no novo patamar requerido. A organização da Escola do Partido, a reorganização do Instituto Maurício Grabois nacionalmente e nos Estados, a multiplicação e reforço de nossos instrumentos de propaganda como a PRINCÍPIOS e A CLASSE e o PORTAL VERMELHO não podem mais esperar.

### Protagonismo no movimento social

Também é contundente a exigência de relançar nossa presença nos movimentos sociais. Essa questão já habitava os debates do 10o Congresso. Aumentaram suas exigências. Como dizíamos lá, na atuação de massas do partido reside aspecto fundamental de sua natureza e caráter. E também reside elemento fundamental para a construção de uma hegemonia avançada das forças populares, em primeiro lugar do proletariado e

demais trabalhadores. Essa é a base social por excelência que decide os destinos de nosso projeto maior. O Partido precisa ser crítico e autocrítico com respeito à sua participação e às energias que empunha nessas frentes. Trata-se, como já se disse, de esforço que precisa ser levado à esfera do pensamento e direção política, para além do sentido pedagógico que encerra para a elevação da consciência e organização do povo, bem como para a formação do militante comunista.

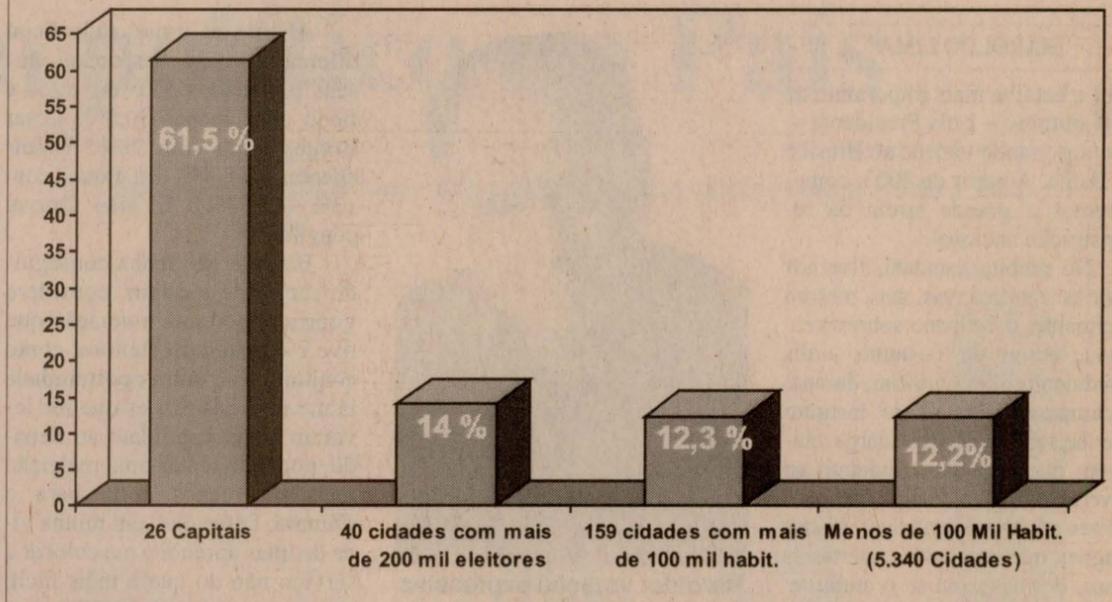
Na nova situação política que se cria, pode aumentar o protagonismo político desses movimentos, em substituição à prolongada fase de resistência vivida nos anos 90. Isso é fator determinante para o sucesso da transição a um novo modelo, sob a condição de neles prevalecer um pensamento político, superando sua dimensão corporativa e gremial. O Partido precisa lançar campanhas próprias de massas, como é o caso do plebiscito da ALCA, na campanha pela redução da jornada de trabalho, nas campanhas da juventude. Precisa fazer mais ação de massas, de todos os tipos e magnitudes, como forma de expressão cotidiana do trabalho da militância. Perdemos um pouco essa característica tão marcante de nossa personalidade no cotidiano da condição de militantes. Nos movimentos sociais, será preciso reexaminar as plataformas, agendas, formas de luta e organização que o movimento vai descortinando, ligados à nova situação de desafios para a transição. Particular atenção precisa ser dada pelo Partido à justa combinação entre a atuação institucional, sobretudo nas esferas de governo, e a luta social em suas variadas dimensões.

### Mais militantes e quadros

Diante da nova situação política, precisamos fortalecer em medida não imaginada nosso contingente militante. Do ponto de vista estritamente organizativo, o principal objetivo e maior desafio concreto na presente etapa que se abre é aumentar a massa de militantes. Ela é reduzida e rarefeita pelo país para a influência que alcançamos. O crescimento dos últimos anos foi positivo. Não perdemos de vista que ele se deu em meio a um ciclo político bastante desfavorável, por isso sua marca ainda instável e seu aparente estacionamento. Não chegamos à esfera dos 50 mil militantes ativos e orgânicos! A muitos títulos é possível projetar um crescimento para além desse nível. O Partido precisará se expandir a uma nova velocidade.

Novas condições passam a existir para isso. É possível projetar um novo estágio no crescimento partidário. Vamos abrir mais o Partido, fazê-lo adquirir musculatura. Podemos atrair um sem número de pensadores e ativistas que nele enxergam o portador de um pensamento estratégico sobre o Brasil e um pensamento avançado quanto ao socialismo, combinação ausente em qualquer outra das formações partidárias do país. Pode atrair também os que despertam para a luta política, encorajados pelo novo ciclo que se abre no país, intensificando sua participação no movimento social. Muitos outros buscarão o partido como uma legenda honrada para tentar ingressar na vida pública.

### Distribuição dos votos do PCdoB



Em todos os casos, isso se dá em meio a forte competição, principalmente do PT. Este aparece, aos olhos da sociedade, como partido de esquerda, e busca acentuar a marca de que é o partido da classe operária. Situa-se aí uma disputa estratégica, de mais ou menos larga duração, que nos exige permanentemente um esforço ativo e classista, pois partido comunista não cresce espontaneamente. E é preciso saber se imaginar maior, adequar a vida interna do partido e de suas direções a tal exigência de bases maiores e mais extensas. Um movimento concentrado precisa ser feito, para estender a militância e as bases militantes. Devemos focar ainda mais atenção nos 226 municípios com mais de 200 mil eleitores, como ponto de partida e concentração de esforços.

Não haverá essa extensão da base militante se simultaneamente não equacionarmos o gargalo dos quadros. Devemos renovar nosso pensamento acerca da formação e promoção de quadros, ampliando seu contingente, diversificando seu perfil. Ousadia – ou coragem – é uma palavra bem empregada nessas circunstâncias. Ousadia para a aposta de atrair, formar e promover novas forças em nossos coletivos dirigentes, arejando-os, acreditando no novo que pode surgir e em novas linhas de desenvolvimento do Partido. Essa é uma diretiva já para as próximas conferências. Precisa ser sopesada com consequência e equilíbrio em todos os níveis, a começar dos Comitês Estaduais. Devemos manter a centralidade de fortalecer os Comitês Municipais nos maiores municípios do país, focando o esforço, como condição do êxito para a maior extensão do Partido.

No miolo desse esforço está presente o desafio, sem sempre visível e levado em conta, de desenvolver especificamente a política de organização do partido, encontrando respostas mais adequadas para a organização de setores sociais fundamentais (proletariado, juventude, intelectualidade), para os critérios de vida militante efetiva e vida dos órgãos dirigentes, incluído aí o desenvolvimento da institucionalidade da vida partidária (quadros, comitês, bases). Não avançará mais a estruturação partidária se não desenvolvermos nossa política de organização nesses aspectos. Um setor reforçado de "inteligência" precisa ser desenvolvido, para nos possibilitar o estudo dos perfis de militantes, quadros, comitês e regiões do

país, para projetar o fortalecimento partidário em bases mais dirigidas.

### Renovar métodos e planejamento das direções

No trabalho de direção reside um dos nós para esse percurso. Nova esfera precisará ser desenvolvida, para dar conta da crescente atividade institucional em geral, de executivos e parlamentos. São já dezenas de quadros que participam de Executivos, aos quais deverão se somar outros tantos na esfera federal. É uma frente complexa, cheia de desafios e armadilhas. Outras esferas exigem re-qualificação. Exige-se superar o enorme hiato em política de finanças, entendida como ligação com a atividade política, portanto alvo do conjunto das direções, sem falar nos aspectos específicos exigidos para os titulares dessa frente. Será necessário uma postura nova nesse terreno, analisando o no contexto político e organizacional de nossa sociedade e nosso Partido. As novas possibilidades que se abrem para nós poderão ser frustradas se não incluirmos essa problemática das condições financeiras como essencial para efetivar o avanço. Nossa comunicação, aproveitando o estímulo positivo do Portal, precisa se ampliar ainda mais e ganhar nova abrangência. Instrumentos e meios para isso precisam ser postos em outro nível de prioridade, a começar pelo Portal, estendendo-se para A CLASSE, sem desconhecer as novas possibilidades que se abrem para multiplicar instrumentos, como acesso a TVs. Nossa formação, como já foi citado, precisa constituir a Escola do Partido e interligar decididamente os instrumentos de propaganda a esse escopo. Tudo isso compõem um quadro menos ou mais intenso de ajustes do processo de direção aos novos tempos, que deverá ocupar atenção do CC.

Será preciso avançar no planejamento da atividade partidária e melhorar rapidamente os métodos de gestão do partido, modernizando-os. Há situações estagnadas no partido nesse aspecto. Podemos almejar utilizar instrumentos novos: uma pesquisa nacional sobre o partido, para dar base a uma campanha publicitária nacional já em 2003, a reconfiguração do sistema de informática para dar curso ao setor de "inteligência" e interligar pela rede internet o conjunto da atividade partidária, a uti-

lização de técnicas do chamado planejamento estratégico situacional como ferramenta de conexão maior entre os objetivos e metas de nossos Planos de Estruturação Partidária.

### Uma conferência nacional sobre questões de Partido

Enfim, iniciamos uma nova jornada. Altera-se qualitativamente a fase de legalidade em que vivemos as duas últimas décadas. Altera-se o pensamento de acumulação de forças desenvolvido até aqui. É preciso saber se imaginar maior, e perseguir judiciosamente o caminho para isso.

Novas energias serão liberadas. Precisamos agir com ousadia e vigilância, abrir as mentes ao novo, que não nasce pronto e acabado, mas em meio a um processo contraditório, com marchas e contramarchas. A sociedade brasileira amadureceu em sua experiência política, fez uma aposta na esquerda, com todos os condicionamentos ditados pela correlação de forças mundial e nacional. O fato é que novas energias despertam, é enorme o anseio e aumentará a participação de vastas camadas populares na vida política e social do país. A essência: como construir, vincar, nossa corrente política nas novas condições que se abrem e que vão vicejar pelos próximos anos. Uma corrente vocacionada para a grande política transformadora, com ampla base de massa e de militantes, ancorada nas classes sociais decisivas, e implantada nos centros nevrálgicos do país.

Nossa idéia é digerir cada uma dessas variáveis, partindo da realidade social e partidária. Devemos dar seqüência processual a esse esforço. Após o CC, devemos examinar a oportunidade de levar essas boas novas pelo país e auscultar o que se cultiva no Partido. Até janeiro, devemos reformular nacionalmente o PEP, e orientar as próximas Conferências. Mas nos parece que está posta também a questão de realizar uma Conferência Nacional sobre as Questões de Partido, para dar amadurecimento a esse conjunto de exigências. É uma idéia para ser amadurecida.

## MOVIMENTO

# Grande vitória, no Brasil e na Bahia

HAROLDO LIMA\*

**N**a batalha mais importante de outubro – Lula Presidente –, tivemos grande vitória, no Brasil e na Bahia. A partir de 2003, começaremos a grande tarefa da reconstrução nacional.

No âmbito estadual, tivemos vitórias significativas, mas, mesmo declinante, o carlismo sobreviveu. Usou, como de costume, ardis fraudulentos. Fez anunciar, durante a campanha, através do instituto que lhe serve, o Ibope, a larga vantagem que teria seu candidato ao governo da Bahia, Paulo Souto, sobre seu adversário principal, Jaques Wagner, que teria 18%. Abertas as urnas, desmascarou-se o embuste. Wagner teve 39% dos votos válidos e suplantou seu rival na capital do estado. A caravana encabeçada por Wagner, e que levantou a bandeira de Lula, revolveu a Bahia, foi marco importante na construção de um campo popular em nosso estado e mostrou que o carlismo pode e está sendo batido entre nós.

A campanha para o Senado envolvia o próprio ACM. O ex-governador César Borges era seu companheiro de chapa. Na coligação que apoiava Lula, estavam o ex-governador Waldir Pires e eu. Pela frente trabalhista, que apoiava Ciro, o ex-governador João Durval. Outros candidatos menos conhecidos também disputavam.

O Ibope, que na Bahia faz o sujo jogo carlista, alardeou o tempo todo a ampla frente que ACM e César Borges teriam na preferência popular. Eu era apresentado



Haroldo: votação expressiva

em quinto lugar, depois dos quatro ex-governadores. Estaria com 4%, depois teria ido para 7%.

A pressão dessas pesquisas chegou a suscitar, se bem que em poucas pessoas, a idéia da retirada da minha candidatura, supostamente para favorecer os candidatos oposicionistas apresentados como mais fortes, Waldir e João Durval. Lula ficaria com um candidato a senador a menos na Bahia; nossa coligação ficaria com um candidato a senador que apoiava o presidenciável de ACM, Ciro Gomes, na época tido como capaz de derrotar Lula; e a candidatura de Wagner seria enfraquecida, já que o PCdoB naturalmente ficaria abalado com a saída do seu representante da chapa majoritária. Evidentemente que nem chegamos a cogitar sobre tais proposições.

Abertas as urnas, tudo ficou diferente. ACM despencou dos seus propalados 55% de votos e ficou com apenas 30,5%. César Borges ficou com 28%. Waldir chegou a 18,4%. Eu fiquei com 13% (12,94%). E João Durval com 8%.

Embora não tenha conseguido ser eleito senador, considero vitória importante a votação que tive e o resultado eleitoral como conjunto. Em outra oportunidade já me referi as razões que me levaram a sair candidato ao Senado, podendo tentar uma reeleição mais ou menos certa para a Câmara. Disse que, em minha vida de lutas aprendi a me colocar a serviço não do que é mais fácil, mas do que é necessário. Mandatos não são etapas de carreira bem sucedida, mas instrumentos para se cumprir missão. Não nasci deputado, estou deputado. E há vinte anos. Antes, fiz política como universitário, por cinco anos; como engenheiro, por mais quatro; como militante clandestino na luta contra a ditadura, por mais dez; e como preso político por três anos. Penso estar preparado para outra tarefa, que espero cumprir, qualquer que seja ela, no quadro do Brasil novo que surge. Também não poderia permanecer por um quarto de século deputado federal, dificultando a ascensão política de valorosos companheiros como Alice, Daniel e outros, que têm todo o direito e capacidade de pleitear responsabilidades políticas e cargos eletivos mais elevados.

O certo é que minha votação foi muito significativa. Em municípios como Salvador, Teixeira de Freitas, Candeias, Catu, Curaçá, Itamaraju, Uibaí, Pintadas, Carinhanha, Waldir ou eu, ou os dois, ganhamos de ACM ou César Borges, ou dos dois. Em Caetité, minha terra, Waldir e eu ganhamos de ACM e César Borges.

Minha votação foi bem elevada, perto do 1 milhão e 300 mil votos. Por ela tenho recebido muitos parabéns; por causa dela, desejo-lhes agradecer. Se vocês não tivessem a sublime disposição de fazer aguerrida campanha para candidato desprovido de recursos, armado apenas de idéias, coerência e história, eu não veria nem de longe a votação que tive. Penso que as expressivas votações de Waldir e minha talvez pudessem ser bem maiores, se tivéssemos transmitido ao eleitorado, como era minha opinião, a idéia de que nós dois estávamos disputando juntos, solidamente unidos, um pedindo voto para o outro, o tempo todo, por todos os meios. Como isto não aconteceu, nem toda a potencialidade da união se efetivou. Mas valeu.

Grande vitória tivemos na eleição de nossos candidatos a deputados federais e estaduais. A coligação PT/PCdoB/PV/PMN que tinha seis deputados federais passou a ter dez, dois dos quais entre os cinco mais bem votados do estado, Nelson Pellegrino e Walter Pinheiro, do PT. Os outros três foram do grupo e das famílias dominantes: a de ACM, seu neto e seu

sobrinho; e a do governador eleito, seu filho. Mas em Salvador ganhamos “de goleada”: dos cinco federais mais bem votados da capital, quatro são da esquerda, apenas um da família dominante da direita. Pellegrino, Pinheiro, Alice Portugal e Daniel Almeida são os da esquerda; ACM Neto pelo outro lado. O PCdoB com dois nomes nesta lista, Alice e Daniel, nos alegra, nos honra e nos enche de responsabilidade. João Henrique, do PDT, um partido da oposição, foi o estadual mais votado do estado, em cuja relação o PCdoB elegeu três deputados, Álvaro Gomes, Edson Pimenta e Javiel Alfaya. De “quebra”, em uma das vagas abertas na Câmara Municipal de Salvador, vai assumir Olfívia Santana, das mais destacadas lideranças negras da Bahia e que, candidata a deputada estadual, obteve mais de 18 mil votos em 6 de outubro.

Eram essas as considerações que queria fazer agora, enquanto já estou empenhado em refazer neste segundo turno das eleições, caminhos trilhados no primeiro turno delas.

Penso que estamos as vésperas de grandes acontecimentos. Nossa história será muito alterada com a eleição de Lula para presidente e a conseqüente emergência de um novo bloco de forças políticas na direção de nosso país. Vamos em frente. E que a sorte sorria para nós.

\*deputado federal, PCdoB/BA

## Comunistas preparam intervenção no Fórum Social Mundial

VITAL NOLASCO\*

**O**s comunistas participarão ativamente do Terceiro Fórum Social Mundial, a exemplo da atuação destacada que tiveram nos dois anteriores. Desde já, os militantes do PCdoB empenham-se para, através das entidades em que atuam, integrar as delegações que estarão em Porto Alegre, de 23 a 28 de janeiro de 2003, representando o Brasil no Fórum. Desta

vez, não haverá limitação numérica para as delegações.

O temário do encontro terá sua definição na reunião do Conselho Internacional do FSM, em Florença, Itália, dia 17 de novembro. Nos dias 18 e 19, o Conselho Brasileiro vai decidir, em São Paulo, sobre a participação do nosso país nos eventos de abertura e encerramento, dentre outros, da reunião.

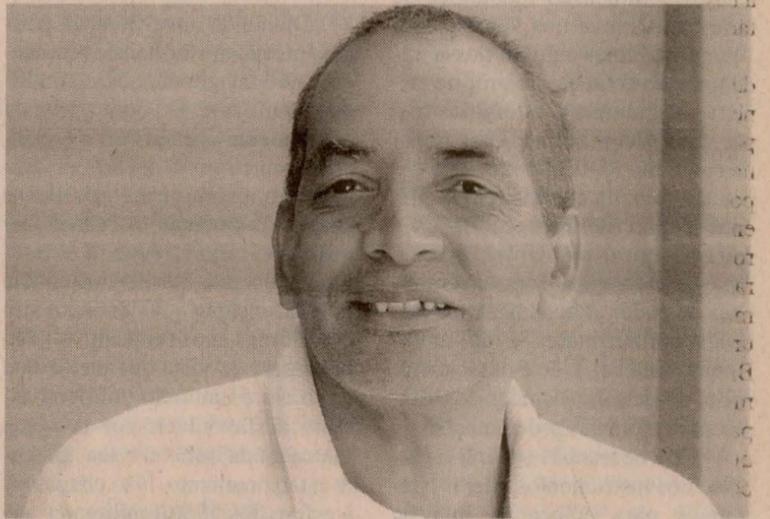
Dirigentes do PCdoB e cama-

radas mais diretamente envolvidos com a participação dos comunistas no encontro de Porto Alegre fizeram uma avaliação da conjuntura em que ocorrerá o 3º Fórum. No início de 2002, o 2º Fórum se deu num ambiente internacional sombrio, quando o governo Bush aproveitava a comoção mundial causada pelos ataques às torres gêmeas de Nova Iorque e ao Pentágono para guerrear contra o Afeganistão e preparar uma ofensiva militar global. Atualmente, mesmo mantendo seus objetivos belicistas, a Casa Branca está mais isolada na arena internacional e não conseguiu, até o momento, apoio para atacar o Iraque. Já no Brasil, o Fórum ocorrerá nos primeiros dias do governo Lula, que tantas esperanças gera nos setores populares, democráticos e progressistas – principais integrantes do encontro.

### Eixos da atuação

A intervenção dos comunistas estará voltada pra tirar ensinamentos e reafirmar opiniões já apresentadas nos dois eventos anteriores. Opiniões que se mostraram corretas, como o destaque para o fato de a luta pelo poder ser parte integrante e determinante da luta contra o neoliberalismo, a defesa da atuação partidária como um importante fator da militância popular, a ratificação de que as alianças com outros setores e camadas são fundamentais para a vitória das propostas populares (sozinho, o movimento popular não vai longe).

As intervenções nossas vão



Vital Nolasco: comunistas empenhados no Fórum

priorizar o novo quadro nacional, originado com a vitória de Lula e a luta contra o imperialismo e o neoliberalismo. A defesa da paz continua na ordem do dia, não apenas no que diz respeito ao belicismo norte-americano, mas também no que se refere ao respeito ao povo palestino e demais povos árabes. Também denunciaremos os objetivos estadunidenses de subordinar todo o continente aos seus interesses através da Área de Livre Comércio das Américas, Alca. O tratamento a ser dado à dívida externa, que asfixia os países dependentes, será outro assunto de destaque nas atuações comunistas. Num encontro como este, que privilegia o debate de idéias, o PCdoB participará de várias discussões sobre a conjuntura nacional e internacional e sobre as experiências alternativas ao neoli-

beralismo na construção da sociedade, como a China, o Vietnã, Cuba e a proposta socialista.

Nossos militantes estarão especialmente empenhados na divulgação das idéias e materiais do PCdoB. Participaremos ativamente, também, das manifestações de massa programadas durante o evento, como as marchas contra a Alca, pela paz etc. e organizaremos, mais uma vez, o Circo de confraternização, como ocorreu no segundo Fórum.

Todas as entidades democráticas e populares devem mobilizar o máximo de suas bases para garantir expressivas delegações no Terceiro Fórum Social Mundial.

CDM  
Fundação de Documentação e Memória  
Secretaria de Movimentos Sociais do Comitê Central do PCdoB

ASSINE

PCdoB A CLASSE OPERÁRIA

Alameda Sarutaiá, 185, CEP 01403-010, Jardim Paulista, São Paulo, SP  
Tel.: (11) 3054 1800 Correio eletrônico: classe@pcdob.org.br

12 edições = R\$ 20,00

### Pagamento:

- Cheque nominal  
 Dinheiro  
 Vale postal nº

- Cartão nº  
Validade  
 Depósito na conta  
Ag.0251  
C/C 48676-7, Banco Itaú

Nome: .....

Endereço: .....

Bairro: ..... Cidade: .....

CEP: ..... Estado: .....

Data de nascimento: / /

Tel.: ( )

Profissão: .....

Correio eletrônico: .....

Data da assinatura: / /

MOVIMENTO

# Sindicalismo e o novo quadro político

O texto abaixo é um documento de trabalho que foi debatido dia 11 na Comissão Nacional Sindical do PCdoB, apresentado por João Batista Lemos, coordenador da Corrente Sindical Classista. Também participaram do exame os sindicalistas Wagner Gomes, diretor executivo da CUT/Nacional, Everaldo Augusto, presidente da CUT/Bahia, Divino Goulart, trabalhador rural e diretor da Fetag/Goias, Sérgio Barroso, ex-diretor de imprensa da CUT/Nacional, Maurício Ramos, João Batista Cassiano, do Sindicato dos Metalúrgicos de Betim e coordenador da CSC/Minas Gerais, Orlando Silva Jr., presidente do CES (Centro de Estudos Sindicais), Marcelo Cardia, da Coordenação Nacional da CSC.

O texto recebeu diversas contribuições na reunião e deverá receber outras ainda - já que trata de uma realidade nova e inédita, cuja assimilação não se dá de um só golpe:

Com a eleição de Lula presidente, os trabalhadores e o povo brasileiro obtiveram uma grande vitória política e histórica em nosso país.

Não foi um episódio fortuito, conjuntural. Como assinala Renato Rabelo em seu informe, "realmente o triunfo da candidatura Lula expressa a vitória de forças políticas e sociais que jamais alcançaram representação no governo da República, em aliança com grupos das classes dominantes interessados em outro caminho para o país. O movimento dos trabalhadores, as organizações populares, as entidades e personalidades democráticas e patrióticas formaram a base principal de apoio e sustentação da candidatura vitoriosa".

A base objetiva para esta mudança foi a falência do modelo neoliberal aplicado em nosso país, a divisão nas classes dominantes e uma grande insatisfação popular. Origina-se da contradição entre os que ganharam com os juros altos, a especulação financeira, e os que dependem do crescimento econômico. Inaugura-se um novo ciclo histórico para o Brasil. Abre-se a transição deste modelo neoliberal que deixou o país à beira da insolvência para um projeto nacional, democrático, popular desenvolvimentista.

### Onda mudancista

O PT, com Lula à frente, e os demais partidos de oposição deram curso ao desejo de mudança expresso pela imensa maioria da população brasileira. Essa experiência foi marcada pela contribuição do PCdoB, na construção de um pensamento político tático, de uma frente ampla e de centro esquerda para derrotar o bloco hegemônico neoliberal. A grande liderança popular de Lula foi o desaguadouro desta onda mudancista.

Como toda transição não está definido quem ganha de quem. Haverá uma dura luta. As forças conservadoras do grande capital financeiro internacional querem o continuísmo, e se apóiam em um quadro de forças mundial adverso a um modelo de desenvolvimento autônomo e sustentável. Contam, a seu favor, com grandes entraves

internos, fundamentos e blindagens neoliberais montadas pelo governo de FHC. No pólo oposto estão as forças do progresso, do trabalho e do desenvolvimento nacional, que se apóiam nos interesses da maioria do povo brasileiro e no avanço das lutas sociais e políticas antineoliberais em todo o mundo.

São somente alguns traços da avaliação deste grande acontecimento histórico, que remete para o PCdoB como força de vanguarda, capaz de desenvolver um novo pensamento político tático para dar conta da nova realidade que se inaugura. Esta foi uma idéia realçada no Comitê Central do Partido nos dias 8 a 10.

Cabe a nós, da Comissão Sindical Nacional, tirar deste novo quadro as conseqüências possíveis, ainda no fragor da vitória, sob a ótica classista e com as mentes liberadas, para descortinar os novos desafios e tarefas que se colocam para a luta sindical.

### Consciência de classe

A vitória de um metalúrgico, torneiro-mecânico, líder das grandes greves do ABC paulista, fundador da CUT, mexe com a subjetividade e o imaginário das massas. E também reflete o desenvolvimento da consciência política e de classe das massas trabalhadoras, que votaram maciçamente em Lula.

Cria-se um ambiente político mais favorável. Melhoram as condições de luta no sentido da valorização do trabalho e dos trabalhadores(as), para reverter a regressão do trabalho, resultado da trágica herança neoliberal de oito anos de governo de FHC: recorde de desemprego, corrosão da massa salarial, avanço da informalidade, precarização do trabalho e das relações de trabalho, desmonte da legislação trabalhista.

A questão-chave para uma política de valorização do trabalho, nesta situação, é a retomada do desenvolvimento econômico, com geração de renda, emprego e terra. Nesta empreitada, o governo de Lula pode ter nas massas trabalhadoras a força social protagonista de um novo projeto de desenvolvimento, cujos direitos básicos devem ser contemplados ao seu tempo e espaço:

**Redução da jornada de trabalho, sem redução dos salários, e a limitação das horas extras.**

**Programa Nacional de incentivo à contratação formal dos jovens em seu primeiro emprego.**

**Política Salarial de reposição dos salários-base e de valorização do salário mínimo.**

**Garantia de política pública para os direitos sociais - saúde, educação, previdência, habitação, entre outras.**

**Fortalecimento dos sindicatos por ramo de atividade a partir da unicidade sindical, com reconhecimento do comitê sindical de base no interior das empresas, potencializando sua capacidade de negociação e mobilização.**

**Garantia por lei e ampliação dos direitos trabalhistas conquistados, previstos na CLT e na Constituição de 1988.**

### Verdadeira Reforma Agrária.

Estes direitos podem se constituir na base de um novo Código do Direito do Trabalho.

A conquista destas medidas requer que o sindicalismo de luta repense seu papel, numa fase de transição, cujo ritmo de mudança será determinado pela evolução da correlação de forças e o compromisso político com o modelo nacional, democrático e popular de desenvolvimento. Três desafios já estão colocados para a luta dos trabalhadores:

Construir a unidade na ação. O movimento sindical, com a CUT à frente, necessita forjar a unidade com outras centrais, confederações e parte da Força Sindical, que apóiam o novo governo e representam a maioria do trabalhadores sindicalizados, para passar da resistência à construção da mudança. As lutas devem interagir com a luta mais geral do novo governo rumo a reconstrução nacional, como base de sustentação social das transformações que o país reclama, e não de desestabilização política. Isto quer dizer que o movimento sindical unitário, representando a maioria dos trabalhadores(as), pode ser força propulsora da luta por um novo modelo de desenvolvimento, de caráter distributivo, nacional, democrático e popular.

Desenvolver a capacidade de negociação e de mobilização. Não é possível, nas condições de crise que o país se encontra, realizar mudanças econômicas e sociais sem reunir uma maioria política favorável a um novo rumo. É preciso ter uma política de frente ampla com as forças sociais e políticas. Neste contexto entra a necessidade da criação de um pacto nacional reunindo sindicalistas, empresários e setores representativos da sociedade, que deverá ter como base de unidade a retomada do crescimento econômico com geração de emprego e renda. O pacto é uma questão de sabedoria dos trabalhadores diante da gravidade da crise, herança perversa de FHC. No entanto, não anula os interesses e conflitos de classes. Ele exige dos sindicalistas e suas entidades maior qualificação propositiva, condizente com as possibilidades reais de nosso país e de seu ramo de atividade. Requer mais agilidade na comunicação e interação com suas bases, como antídoto à conciliação de classes, que se afiem os instrumentos de mobilização a partir do interior das empresas, ramos, cidades, estados e nacionalmente, a fim de garantir os interesses dos trabalhadores(as) e da nação.

Ocupar os espaços institucionais e manter a independência de classe. Para os trabalhadores a luta institucional pode permitir a ocupação de espaços governamentais, desde o Ministério do Trabalho até as DRTs, estatais etc. Pode fornecer instrumentos para melhor influir no governo em defesa dos interesses dos trabalhadores(as) e nacionais. Com isso, a

pressão pela institucionalização do movimento sindical vai se colocar em outro patamar. Portanto, urge reforçar a autonomia das entidades sindicais diante do Estado para cumprir o seu papel principal: o de educação classista, de conscientizar e organizar os trabalhadores na luta contra a exploração capitalista. O movimento sindical deve se pautar por uma conduta de apoio com pressão e vigilância diante do novo governo, no rumo da reconstrução nacional

### O papel da Corrente Sindical Classista

Através dos sindicatos que dirige, a CSC tem o objetivo de construir uma base própria de massas com consciência socialista e fortalecer o movimento sindical entre os trabalhadores e trabalhadoras.

Este objetivo se torna muito mais complexo no momento em que vivemos. No aspecto político, ganha força a cultura da corrente social-democrata. Ao mesmo tempo, melhoram as condições de politização e de luta dos trabalhadores, abrindo caminho para o crescimento de uma consciência socialista. Enfrentar este desafio do ponto de vista teórico e prático, a partir da própria experiência política e de luta dos trabalhadores(as), é a grande tarefa para a Corrente Classista.

Diante deste objetivo maior se faz necessário:

**Realizar alguns ajustes políticos em nossa relação com a CUT e no conjunto do movi-**

**mento sindical. Priorizar, na Central em que atuamos, uma política de alianças com as correntes de apoio e sustentação ao novo governo, isolar a correntes sectárias e aventureiras. Estreitar relações com as confederações e centrais que, no apoio ao novo governo, defendem a unicidade sindical e os direitos trabalhistas previstos na Constituição e na CLT.**

**Intensificar o nosso crescimento na CUT e nos sindicatos. Prepararmo-nos efetivamente para o próximo Congresso da Central.**

**Retomar iniciativas próprias de massas como a Campanha Nacional pela Redução da Jornada de Trabalho sem Redução dos Salários, aprimorando o projeto dos deputados Inácio Arruda e Paulo Paim.**

**Reforçar a organização da CSC nos estados e ramos de atividade. Realizar encontros ou plenárias estaduais para debater a nova realidade e as novas tarefas.**

**Intensificar os cursos de formação política e ideológica dos quadros dirigentes sindicais através do CES.**

**Prepararmo-nos propositivamente para a próxima agenda: medidas emergenciais de cunho econômico-social de combate à fome e ao desemprego. Reforma trabalhista e sindical, luta contra a Alca, Congresso da CUT.**

## ASSINE HOJE MESMO

Receba em sua casa ou na sede da sua entidade a única publicação do país especializada no estudo do sindicalismo. Uma revista de análise, polémica e intercâmbio de experiências.



A assinatura de R\$ 30,00 dá direito a quatro edições e você ganha de brinde o livro "Administração sindical em tempos de crise"



---

**CUPIOM DE ASSINATURA**

A partir de numero: \_\_\_\_\_ R\$ 30,00

Nome: \_\_\_\_\_

Endereço: \_\_\_\_\_

Cidade: \_\_\_\_\_

Telefone: \_\_\_\_\_

E-mail: \_\_\_\_\_

Profissão: \_\_\_\_\_

Curso: \_\_\_\_\_

**FORMA DE PAGAMENTO:**

Chique nominal ao Centro de Estudos Sindicais, no valor de R\$ 30,00

Deposito em conta corrente nº 407852-7, Banco do Brasil, agência 3324-3 (sem taxa, envio a comprovante)

Cartão:  Crédito  Visa



**Centro de Documentação e Memória**  
Fundação Maurício Grabois

## MOVIMENTO

# O governo Lula e o movimento social

ALTAMIRO BORGES\*

Todas as correntes de esquerda, até as mais voluntaristas e sectárias, concordam que não será nada fácil a gestão de Lula. A trágica herança deixada por FHC não permite ilusões com uma fase de "paz e amor". O país está pendurado na brocha, quase insolvente, o que inibe o crescimento econômico e, conseqüentemente, a geração de emprego e renda. Medidas paliativas, assistenciais, serviriam apenas para atenuar os graves problemas. Além disso, o quadro mundial é de ofensiva da reação, do "império do mal". Os EUA exigem ainda mais sacrifícios das nações dependentes no altar do demoníaco mercado.

Diante deste complexo quadro, qual deve ser o papel do movimento social, em especial do sindicalismo? Até por ser uma situação inédita na história do país, que pela primeira vez elege um governo nitidamente identificado com as esquerdas, não há respostas fáceis para essa delicada questão. Mas já surgem algumas pistas de como as forças populares devem se comportar. A primeira é sobre a necessidade de se defender esta conquista democrática do povo brasileiro, fruto de tantas lutas. Os representantes do grande capital, tendo na dianteira os setores hidrófobos da direita, farão de tudo para desestabilizar o novo governo. "A direita norte-americana parece considerar Da Silva como um comunista disfarçado e já pressiona Bush a adotar uma atitude dura em relação a ele", revela recente artigo do jornal "The New York Times".

As corporações, principalmente do setor financeiro, utilizarão a "mão invisível do mercado" para evitar alterações de rumo no país que afetem seus mesquinhos inter-

esses. Elas também não vacilarão em usar de ardis políticos, inclusive instigando o legítimo anseio de mudanças para fustigar o futuro governo. Neste cenário, qualquer iniciativa descolada da realidade, que desconsidere a tensa correlação de forças, fará o jogo da direita. Como adverte César Benjamin, autor do livro *A opção brasileira*, "um eventual fracasso do novo governo será um fracasso de todos nós, um fracasso do Brasil". Na mesma linha de raciocínio, o sociólogo Emir Sader, membro da coordenação do Fórum Social Mundial, argumenta: "Se fracassarmos, teremos perpetuado o Brasil das injustiças e condenado a esquerda a um projeto sem esperança".

A compreensão desta nova realidade parece já impregnar as correntes mais lúcidas que militam no campo popular. A CUT, principal central sindical do país, anunciou que não abdicará da sua autonomia, mas que apostará na "negociação permanente" para garantir os avanços expressos na candidatura Lula. "A CUT não será instrumento do esquerdismo infantil e nem da direita desavergonhada, que farão alianças para desestabilizar o novo governo", garantiu João Felício, presidente da entidade. Também o MST busca adotar uma posição mais matizada diante do novo quadro político. "A ação política não poderá ser sectária", explica Gilmar Mauro, membro da coordenação do Movimento dos Sem Terra.

## Pressão popular

Outra pista importante, quase um contraponto, é sobre a necessidade dos movimentos sociais investirem pesado no trabalho de formação, organização e mobilização dos trabalhadores neste novo tempo. Num contexto de intensos

conflitos de classe, o campo popular precisará reforçar ainda mais a sua capacidade de intervenção política. Isso porque o capital, apesar de dividido na disputa eleitoral, tende a se unificar novamente para fazer vingar seus intentos. É óbvio que não abandonou sua agenda fundada na exploração de classe. Ele fará forte pressão para enquadrar o futuro governante. Além disso, o projeto neoliberal foi derrotado nas urnas, mas a ditadura do capital financeiro ainda mantém as rédeas do poder. O esforço de domesticação do novo governo faz parte dos planos das elites!

O jornal inglês "The Independent" expressa com nitidez esta artimanha: "Rejeição da liberal economia de mercado pelos eleitores do mais populoso país da América Latina? Ou eleição de um líder que terá mais confiança do eleitorado e por isso será capaz de executar a próxima etapa das necessárias reformas?". De forma arrogante, responde: "Talvez o país precise da esquerda para consolidar os ganhos da direita". Com este objetivo, e se utilizando de vários expedientes econômicos, políticos, ideológicos e outros, o capital fará o impensável para manter sob controle os rumos desta nação estratégica para o sistema. Caso ele não consiga, apostará então na pura desestabilização — vide o exemplo de Hugo Chávez na Venezuela.

Exatamente por isso, o movimento sindical e popular precisa se capacitar para interferir neste conturbado cenário. Se o voluntarismo esquerdista é um crime, que faz o jogo da direita, a postura da adesão passiva abrindo espaço para as manobras das elites. O esforço deve ser no sentido de pavimentar um poderoso campo popular que ga-

ranta os avanços expressos na candidatura Lula. Com base num projeto nacional, democrático e popular, é preciso aproveitar o rico momento político que se abre para avançar ainda mais na construção da alternativa de esquerda no país.

## Bancada de sindicalistas

Segundo levantamento do Departamento Intersindical de Assessoria Parlamentar (Diap), a representação sindical dos trabalhadores no Congresso Nacional obteve um expressivo aumento de 32% nas eleições de 6 de outubro. No pleito passado, de 1998, foram eleitos 44 congressistas, número que subiu agora para 58 (53 deputados federais e cinco senadores). Pelos critérios do Diap, compõem a "bancada de sindicalistas" os parlamentares que tiveram militância ou mandato sindical e que mantêm vínculos com suas categorias de origem. Não são incluídos na lista os profissionais que prestam serviços ou assessoria aos sindicatos.

No caso do PT, dos 91 deputados eleitos, 42 têm origem sindical. Já dos 14 senadores, cinco se projetaram no sindicalismo. Quanto ao Partido Comunista do Brasil, sete dos 12 deputados federais têm ou tiveram participação ativa no movimento sindical brasileiro. Já PPS, PDT, PL e PPB elegeram um deputado sindicalista cada um.

A "bancada de sindicalistas" terá enormes desafios e responsabilidades no novo cenário político que se abre com a eventual vitória de Lula. Por um lado, deverá intervir no debate estratégico sobre os rumos do país — evitando os estreitos limites "corporativos". Vários estudos indicam que só é possível gerar renda e emprego com a superação do destrutivo receituário

neoliberal, que serve unicamente aos interesses da ditadura do capital. Economistas de diferentes tendências concordam que será necessário um crescimento médio anual de 6% no PIB para absorver o tecnicamente chamado "estoque de desempregados" e para dar oportunidades aos 1,5 milhão de jovens que ingressam no mercado de trabalho todos os anos.

Por outro, esta bancada terá papel de relevo no debate sobre as questões diretamente relacionadas ao tema trabalho. Na "era FHC" houve uma profunda regressão neste campo — com a explosão do desemprego, a corrosão dos salários, a chaga de informalidade e do desmonte da legislação trabalhista. Já no final do seu reinado, ele apresentou projeto anulando a Consolidação das Leis do Trabalho, impondo a "prevalência do negociado sobre o legislado". Aprovado a fórceps na Câmara, ele ainda tramita no Senado. A primeira batalha será engavetar de vez esta famigerada medida que "pretende, na verdade, a extinção de direitos", segundo palavras do próprio presidente do Tribunal Superior do Trabalho, ministro Francisco Fausto.

A tendência é que o sindicalismo adquira maior capacidade de intervenção no cenário nacional. O próprio programa de Lula defende inclusive a criação de um Fórum Nacional do Trabalho e a elaboração de um novo código do trabalho. Por tratar de temas diretamente vinculados aos interesses antagônicos de classe, tudo indica que será um período de intensos debates, de muita adrenalina.

\* membro do Comitê Central do PCdoB, editor da revista Debate Sindical, colunista do Portal Vermelho

## Adeus a Romildo

LAIRSON PALERMO

Faleceu no dia de 1º de novembro o camarada Romildo dos Reis Assis, na cidade de Caarapó, Mato Grosso do Sul. Romildo entrou no Partido Comunista do Brasil durante a histórica greve de 1953, em São Paulo. Era metalúrgico e participou ativamente do Partido na década de 50 e 60 na Móoca e no Belenzinho, na capital paulista. Conviveu com Pedro Pomar e participou da reorganização do Partido em 1962, ficando ao lado de Amazonas, Mauricio Grabois e Pedro Pomar contra os revisionistas.

No golpe de 1964 teve um irmão desaparecido político, que era também do Partido. Durante a ditadura militar perdeu contato com a direção do Partido e foi morar em Lins. Já aposentado, mudou-se para o Mato Grosso do Sul, onde se integrou rapidamente ao Partido e foi eleito para o Comitê Estadual. Fundou o PCdoB em Caarapó. Destacava-se pela firmeza em defesa do marxismo-leninismo e da unidade partidária e indignava-se com o capitalismo e o neoliberalismo. Em Caarapó era conhecido como seresteiro, pois era habilidoso com seu violão. Cantava músicas em homenagem ao Partido Comunista. Era o mais idoso comunista no Mato Grosso do Sul.

# UNE quer que Lula supere a mercantilização do ensino

Os problemas do país e da universidade são graves e será necessário firmeza do governo e ampla participação dos movimentos para que se possa avançar na mudança de modelo". A opinião é do presidente da União Nacional dos Estudantes, UNE, Felipe Maia, que nesta entrevista a **A Classe Operária**, fala do que a entidade espera do governo Luiz Inácio Lula da Silva.

**A Classe Operária:** Qual foi o papel da entidade na campanha pró Lula presidente?

**Felipe Maia:** No primeiro turno, a UNE aprovou uma carta com 10 propostas, que foram apresentadas a todos os candidatos, com o objetivo de influenciar os programas de governo e debater publicamente os caminhos defendidos pelos estudantes para a educação, a cultura e para o país. Dessa carta surgiram compromissos importantes, não só dos presidentes, mas também de candidatos ao parlamento e governos estaduais, que agora esperamos que sejam cumpridos. No segundo turno, a UNE e a Ubes realizaram uma prévia com a participa-

ção de 377 mil estudantes, que indicaram o apoio a Lula. As diretorias das duas entidades em reunião conjunta acolheram o resultado e aprovaram um manifesto de apoio a Lula e às mudanças que necessárias para a recuperação do Brasil.

**Classe:** Que aspectos diferiram na atuação da entidade nesta campanha para as anteriores?

**Felipe Maia:** Não existe propriamente a tradição do movimento estudantil apoiar abertamente uma candidatura. Nessas eleições os fatos evoluíram para uma situação em que o apoio a Lula era quase uma unanimidade e de fato unificava o movimento estudantil; as prévias deram esse sinal, a opinião dos diretores da UNE e da Ubes também iam nesse sentido e mesmo algumas entidades da base já haviam manifestado essa opinião publicamente. A construção foi importante porque não foi um apoio isolado, mas o fruto de um amplo movimento de debate e de unificação do movimento estudantil.

**Classe:** O que a entidade espera do novo governo?

**Felipe Maia:** Não vai ser um governo fácil. Os problemas do país e da universidade são graves e será necessário firmeza do governo e ampla participação dos movimentos para que se possa avançar na mudança de modelo. Na educação, Lula se propôs a fazer uma aposta na educação pública e no papel estratégico da universidade para o desenvolvimento científico. Então esperamos que a situação de penúria e de falta de projeto, que marcou o governo FHC, seja superada através da ampliação dos recursos financeiros, a valorização de um sistema articulado de instituições públicas e o controle social sobre o ensino privado. A universidade deve ser encarada como uma instituição permanente do Estado nacional para a promoção do desenvolvimento científico e não como mero instrumento de governo.

**Classe:** Qual a postura que a entidade pretende assumir com relação ao governo Lula?

**Felipe Maia:** Não há uma decisão formal, mas acredito que será importante manter a in-

dependência e a autonomia do movimento, ao mesmo tempo em que os estudantes e a juventude serão convocados a participar das mudanças políticas que o país terá de enfrentar. Espero ainda que seja possível criar espaços para participação direta da sociedade na gestão de políticas públicas, órgãos de Estado que auxiliem as políticas de governo e contribuam para a ampliação da democracia e do controle na gestão da coisa pública.

**Classe:** As propostas contidas no Programa da Coligação Lula Presidente contemplam as expectativas dos estudantes?

**Felipe Maia:** O programa é bastante avançado e contempla reivindicações históricas, de recuperação do déficit de professores nas universidades federais, de mudança no modelo de avaliação (o Prova), de ampliação dos programas de crédito educativo. Mas o mais importante é a orientação de tratar a educação como uma política de Estado, de superação da política de mercantilização do governo FHC.

## INTERNACIONAL

# Rebela-te Chile!

## Outro mundo é possível

**D**e 31 de outubro a 3 de novembro, realizou-se em Santiago o 22º Congresso do Partido Comunista do Chile. O ato de abertura teve lugar no antigo Palácio Legislativo Nacional, contou com a presença de 500 pessoas e foi prestigiado por dirigentes sindicais, religiosos e personalidades destacadas da vida cultural chilena, entre elas o compositor Fernando Garcia, vencedor do Prêmio Nacional de Música de 2002.

Os 370 delegados, representando todas as regiões – de Punta Arenas, na fronteira da Terra do Fogo, a Arica, ao norte do Deserto de Atacama –, e todos os setores da atividade partidária debateram durante o conclave, em sessões plenárias e comissões de trabalho, um denso informe apresentado pela dirigente Gladys Marin em nome do Comitê Central eleito no Congresso anterior. Com o título geral “Rebela-te, Chile! Outro Mundo é possível”, a líder dos comunistas chilenos criticou a globalização capitalista no quadro da crise do sistema: “A humanidade se encontra diante de uma encruzilhada. O capitalismo, em sua atual fase de dominação, se revela como um regime ainda mais injusto, depredador, agressivo e provocador. A violenta ofensiva do capital aguçou aceleradamente as contradições sociais em

escala mundial, ao ponto em que nenhum país escapa da crise provocada pela globalização capitalista, inclusive os próprios Estados Unidos”.

Ao debater a realidade política internacional, os comunistas chilenos denunciaram o hegemonismo e a agressividade dos Estados Unidos, “que constituem uma ameaça ao mundo”, e passaram em revista o cenário de lutas na América Latina. A vitória de Lula no Brasil foi saudada com entusiasmo e considerada como de “importante significação para enfrentar o dogma neoliberal”. O informe político e a discussão puseram em relevo as lutas sociais e os avanços da luta política que se sucedem em diversos países – Guatemala, Equador, Paraguai, Bolívia, Argentina, Venezuela, Chile. Capítulo de destaque foi a luta contra a Alca, considerada essencial para “impedir o anexionismo”: “Em nosso continente, surge como um imperativo fundamental a recuperação do pensamento e da ação latinoamericanista de nossos próceres na luta pela independência em face do colonialismo. Somente assim será possível enfrentar a imposição dos Tratados de Livre Comércio e da Alca, que não são outra coisa senão novas expressões da imposição anexionista de total suprema-

cia norte-americana sobre as economias regionais e locais.”

O 22º Congresso do Partido Comunista do Chile apontou para uma “viragem” na aplicação da linha política e na ação do Partido. O sistema político chileno tem como pilar principal a Constituição pinochetista. O sistema eleitoral, majoritário binominal, único no mundo, exclui absolutamente as minorias. “Dentro dos marcos da atual institucionalidade, não é possível pensar em instituições democráticas e representativas em nível de Estado”, diz o informe da camarada Gladys. “Tal constatação – prossegue – nos impõe mudanças em nossa elaboração e prática política. Devemos concluir que é indispensável uma viragem, um deslocamento de todos os nossos esforços para a base social, para os trabalhadores, para construir em todos os setores movimentos de massas decididos a intensificar suas lutas por seus direitos e aspirações enfrentando de mil formas o sistema. Isto nos exige atuar para fora, para o povo, cotidiana e ativamente e não somente nos períodos eleitorais, como em grande medida nos ocorreu durante estes anos”. Gladys Marín foi eleita presidente do CC.

O 22º Congresso do Partido Comunista do Chile contou com a presença de 14 partidos comunis-



Gladys, do PC Chileno

tas de outros países. Da América Latina – Cuba, Argentina, Bolívia, Peru (duas organizações), Equador e Brasil; da China, representada por seu Embaixador, dos Estados Unidos e da Europa – Portugal, Espanha, Grécia, Itália e Suécia. Essas delegações saudaram o Congresso em duas oportunidades – durante a plenária e no ato de encerramento, uma festiva atividade de massas realizada no domingo ensolarado no Parque Ohhings, um majestoso local de lazer da capital chilena.

No dia 2 de novembro, em que as famílias homenageiam seus mortos, o Partido Comunista e a Juventude Comunista organiza-

ram um ato no cemitério de Santiago. Ali, debaixo da insígnia “Todo o meu amor está aqui e se quedou: agarrado às rochas, ao mar, às montanhas”, verso do poeta Raul Zurita, uma gigantesca lápide traz inscritos os nomes de milhares de desaparecidos e executados pela ditadura de Pinochet. Diante dela, as delegações estrangeiras puderam participar desse preito de saudade e do sentido tributo de honra à memória dos mártires da luta pela democracia. As delegações estrangeiras também participaram de uma homenagem a Salvador Allende, depositando flores no monumento erigido em sua homenagem diante do Palácio La Moneda, bombardeado naquele trágico 11 de setembro de 1973, quando o governo da Unidade Popular, por ele encabeçado, foi derrubado pelos militares fascistas.

O Partido Comunista do Brasil foi representado no Congresso chileno pelo seu vice-presidente e secretário de Relações Internacionais, José Reinaldo Carvalho. O representante dos comunistas brasileiros participou também de reuniões bilaterais com os partidos irmãos, de uma reunião consultiva sobre temas de interesse comum a todos os partidos e manteve encontros com organizações do movimento popular do Chile.

## Palestinos visitam sede do PCdoB

**O** Embaixador da Palestina no Brasil, Musa Amer Odeh, visitou dia 12 a sede do Comitê Central do PCdoB, acompanhado pelos diretores do Instituto Jerusalém, Ali El-Khatib e Al Id. As autoridades palestinas foram recebidas pelo presidente do PCdoB, Renato Rabelo, pelo vice-presidente e secretário de Relações Internacionais, José Reinaldo Carvalho, e pelo deputado federal e membro da Comissão Internacional do Comitê Central, Jamil Murad.

Amer Odeh felicitou o PCdoB e o povo brasileiro, em nome da Autoridade Palestina, pelo grande triunfo conquistado com a eleição de Lula presidente da República, pelos resultados obtidos pela esquerda em geral e o “excelente desempenho eleitoral do PCdoB”. Na opinião do diplomata palestino, as novas responsabilidades que a esquerda assume possibilitarão o desenvolvimento ainda maior das relações da Palestina com o Brasil, já bastante positivas. Depois de reiterar o agradecimento pela constante solidariedade do PCdoB com a causa palestina, o embaixador expressou a certeza de que no novo período que se abre, e com as forças renovadas, o PCdoB terá condições fazer ainda mais em favor do seu povo mártir.

Os dirigentes do PCdoB receberam uma circunstanciada informação sobre a dramática situação

na Palestina, sob ocupação de Israel – cujo governo liderado pelo primeiro-ministro Ariel Sharom é “o mais fanático de toda a história de Israel”. Para Amer Odeh as negociações estão bloqueadas devido à posição de intransigência do governo de Sharon e à sua opção pela violência em lugar do diálogo e da diplomacia. Em sua opinião, a situação tende a se agravar caso os Estados Unidos ataquem o Iraque. “Se isso ocorrer, o governo de Sharon tentará uma ofensiva para expulsar os palestinos para a Jordânia e o Líbano”.

O presidente do PCdoB disse que recebia o embaixador da Palestina no Brasil “com alegria e emoção” e reiterou o apoio do PCdoB à luta do povo palestino, “uma luta justa e heróica que enfrenta um inimigo extremado como é o governo de Sharon apoiado pelo imperialismo norte-americano”. “Estamos atentos ao desenrolar do drama dos palestinos, aos quais hipotecamos a nossa mais irrestrita solidariedade”. O dirigente do PCdoB se referiu à situação internacional, “que se torna mais tensa e instável com a perigosa escalada de guerra da superpotência norte-americana”. Renato Rabelo deu aos visitantes palestinos uma informação sobre o novo quadro político brasileiro e ressaltou o significado político das mudanças ocorridas no Brasil, referindo-se também às repercussões que poderá ter no quadro mundial.

## Conferência em Paris comemora 85 anos da Revolução Russa

Promovida pelo Comitê Hoenecker de Solidariedade Internacionalista, realizou-se em Paris, na escola Jean Jaurès, na comuna Malakof, uma conferência internacional comemorativa do 85º aniversário de Revolução de Outubro de 1917.

Nos debates, que incidiram não apenas sobre a história e o desenvolvimento da grande revolução russa, mas também sobre questões políticas, sociais e ideológica do mundo contemporâneo, participaram, entre outros, destacados comunistas franceses como Leo Figueres, Georges Gastaud, Henri Alleg, Henri Martin, Leon Landini, Frederique Houseaux.

Das delegações estrangeiras apresentaram comunicações representantes de organizações e partidos comunistas de Alemanha, da Polônia, da Bulgária, da Grécia, da Turquia, do Chile, da Argélia, da Colômbia e dos Camarões. Foi especialmente aclamada uma mensagem do Partido Comunista do Brasil, membro da coligação que elegeu Lula presidente do Brasil por esmagadora maioria.

O camarada Miguel Urbano Rodrigues, de Portugal, apresentou uma comunicação sobre a conjuntura política e social da América Latina, na qual defendeu a atualidade e necessidade do partido revolucionário marxista-leninista como instrumento indis-

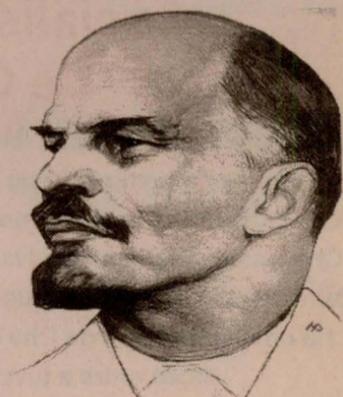
pensável de transformação da história no contexto da crise global de civilização que ameaça a humanidade.

Esta a íntegra da mensagem enviada pelo vice-presidente e secretário de Relações Internacionais do PCdoB, José Reinaldo Carvalho, ao encontro:

“Queridos camaradas,

Em nome do Partido Comunista do Brasil, enviamos as mais calorosas saudações pela realização desse encontro que presta justa e necessária homenagem ao maior acontecimento da história da humanidade até os nossos dias.

A Revolução de Outubro de 1917 teve significação extraordinária não apenas para os povos oprimidos da velha Rússia, aos quais emancipou social e politicamente, mas também para toda a humanidade. Pela primeira vez, depois do ensaio geral dos comunistas parisienses de 1871, ficava historicamente provada a necessidade e a possibilidade de o proletariado, com seus aliados, tomar o poder político para promover transformações sociais de fundo. E de fato, sob a égide do novo poder, o mundo viu um país que era a “prisão dos povos” se converter numa base de apoio dos movimentos revolucionários e de libertação nacional. Foi com o poder nascido da Revolução de Outubro de 1917 que a União So-



Lenin

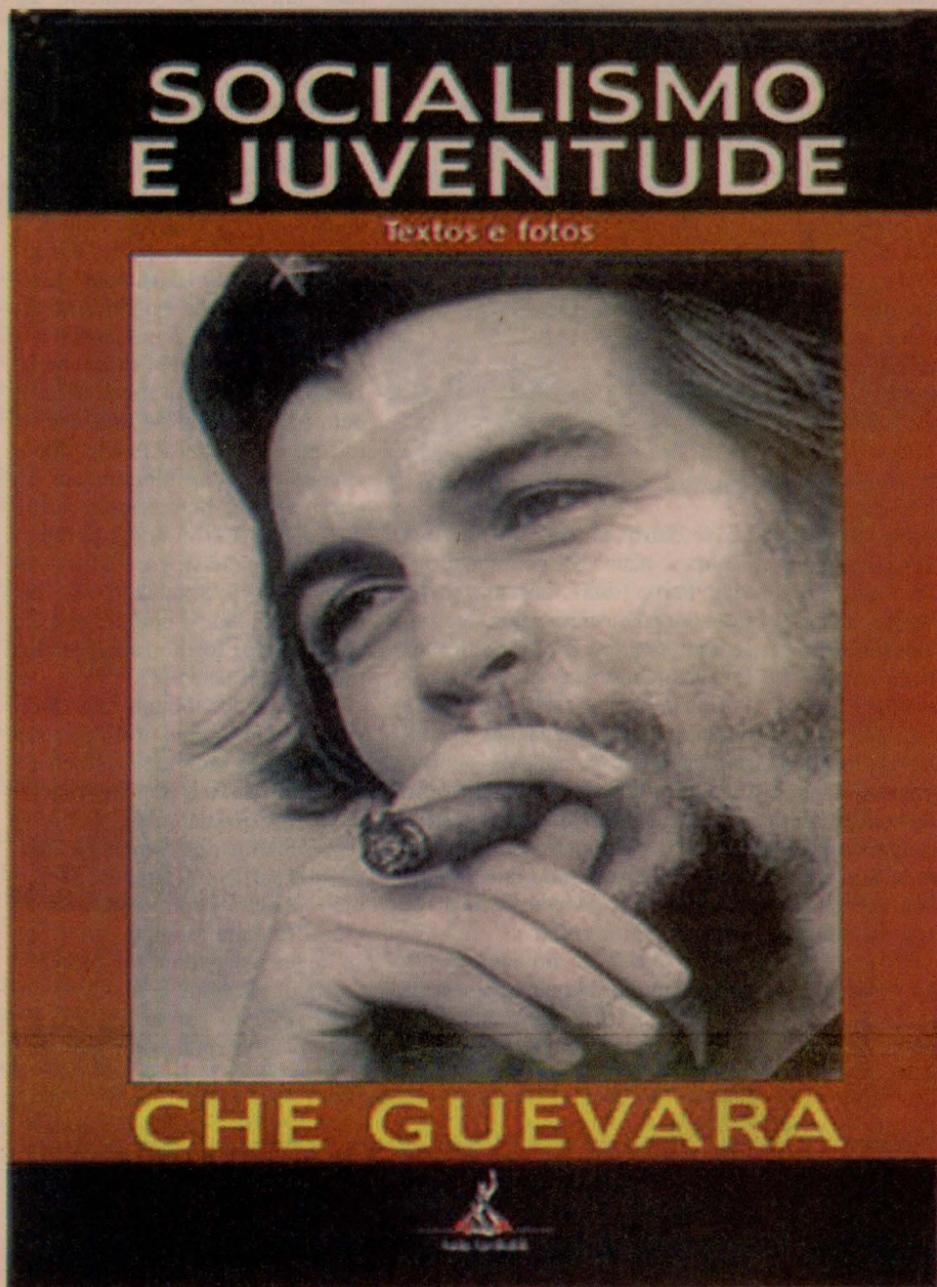
viética enfrentou o nazi-fascismo, dando inestimável contribuição para a democracia em todo o mundo.

A Revolução de Outubro teve sentido fundador. Das lições dela emanadas, surgiram um ideário e um programa que fizeram florescer o movimento comunista na primeira metade do século 20.

Comemorar a Revolução de Outubro é renovar compromissos com a ideologia revolucionária e com os objetivos socialistas que constituíam sua própria essência.

O Partido Comunista do Brasil, que luta pelo socialismo nas condições peculiares do Brasil, irmana-se com os comunistas de todo o mundo no combate por um mundo melhor, sob a inspiração dos ideais da Revolução de Outubro de 1917”.

# Che Guevara, revolucionário romântico



## Socialismo e juventude, de Che Guevara

A Editora Anita Garibaldi lançou "Socialismo e Juventude", que traz uma coletânea de textos e fotos sobre o grande herói revolucionário Ernesto Che Guevara. O lançamento ocorre por ocasião dos 35 anos da morte de Che, assassinado nas selvas da Bolívia em 9 de outubro de 1967. O livro tem 124 páginas, sendo que 14 são ocupadas com fotos de Che Guevara. Há uma cronologia de Che e cinco textos de sua autoria que citam a relação entre a juventude, o socialismo e a revolução.

O livro pode ser adquirido na Editora Anita Garibaldi.  
Rua Monsenhor Passalacqua, 158 CEP 01323-010 - São Paulo - SP Brasil  
Telefone: (0xx11) 289-1331  
E-mail: livraria@anitagaribaldi.com.br  
Cada exemplar custa R\$ 10,00

JOSÉ CARLOS RUY\*

A figura de Ernesto "Che" Guevara tornou-se, nas décadas finais do século XX, um ícone da revolução. E não sem razão. Era um jovem médico recém formado quando, em 1953, deixou sua Argentina natal e entregou a alma para a América Latina e para a revolução. Uniuse ao sonho da liberdade e da autonomia de seu povo; lutou na Guatemala até a invasão do país pelas tropas norte-americanas para depor o governo revolucionário de Jacob Arbenz. Ligou-se, depois, aos revolucionários cubanos exilados no México e logo se tornou um dos principais dirigentes da revolução cubana, superado somente por Fidel Castro. Participou do ministério da revolução, mas não por muito tempo: logo deixou o governo, voltando para as agruras da luta armada, primeiro nas florestas do Congo e, depois, da Bolívia, onde foi preso e assassinado.

Os textos selecionados por Sandra Alves para este volume trazem esta marca do revolucionário romântico que o Che encarnou, cuja capacidade de encantamento explica a enorme difusão de seu nome e seu retrato como símbolos da revolução e do inconformismo. Foram escritos entre 1959 e 1962, e registram sua preocupação com problemas que continuam atuais para os povos da região.

Refletem também temas perenes em seu pensamento. Um deles é a questão da juventude. Outros temas: a luta antiimperialista, a afirmação da soberania política e da independência econômica das nações; ou a necessidade, para a consolidação do socialismo, da formação do "homem novo", isto é, do homem dotado de um conjunto de valores baseados na solidariedade e no espírito coletivista, essenciais para o pleno florescimento, no socialismo, das capacidades e potencialidades individuais de cada homem ou mulher. Ou ainda a construção de uma universidade capaz de atender às novas necessidades colocadas pela construção do socialismo, que se iniciava em Cuba.

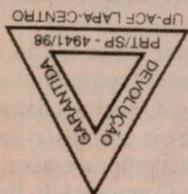
Num dos textos, um discurso proferido no segundo aniversário da União dos Jovens Comunistas, Guevara ressalta o entusiasmo da juventude, mas também critica hábitos que, diz, atrapalham o "aprofundamento ideológico de nossa revolução". Ele cita diretamente, entre eles, o sectarismo (do qual "estamos todos convalescendo"), e o vício do reunismo, que faz muitos jovens avançarem noite adentro discutindo iniciativas da UJC, prejudicando assim o desempenho das tarefas concretas para as quais foram chamados.

Noutro texto, de interesse histórico, faz um retrospecto da revolução cubana, analisando o papel e a posição das classes sociais – a burguesia nacional, os latifundiários, o campesinato e o proletariado rural – na luta que precedeu a tomada do poder em 1959, na resistência contra o imperialismo e, depois de 1959, nos conflitos pelo controle do poder revolucionário.

Outra questão que ele trata é a do "homem novo". Guevara não vacila em enfrentar o problema do individualismo. "É comum ouvir da boca dos porta-vozes do capitalismo", diz ele, a afirmação de que o socialismo, "ou o período de construção do socialismo que estamos atualmente vivendo", se caracteriza pela abolição do indivíduo no altar do estado. Ele demonstra que, ao contrário do que dizem os capitalistas, neste período de transição, como na luta guerrilheira que derrotou o imperialismo e o colonialismo em Cuba e deu início a um novo período histórico na Ilha, as condições subjetivas foram fundamentais para a vitória, e elas foram criadas no calor da luta, no contato entre a vanguarda revolucionária e a massa oprimida. E conclui: "O que fica difícil entender para quem não vive a experiência da revolução é esta estreita unidade dialética existente entre o indivíduo e a massa, onde ambos se inter-relacionam". "A nova sociedade em formação deve competir muito duramente com o passado. Isto se faz sentir não apenas na consciência individual, na qual pesam os resíduos de uma educação sistematicamente orientada para o isolamento do indivíduo, mas também pelo próprio caráter desse período de transição, com a persistência das relações mercantis. A mercadoria é a célula econômica da sociedade capitalista; enquanto existir, seus efeitos se farão sentir na organização da produção e, em consequência, na consciência."

Estes são alguns temas dos textos aqui publicados. Eles mostram que a idéia da revolução não é posta em prática sem esforço. E que, atrás do romantismo revolucionário evocado pela imagem e o nome do Che, havia um pensamento rico, contraditório, afinado com seu tempo e com os problemas da luta contra a dominação externa, contra a dominação de classe, e da construção do socialismo – problemas que ainda estão no horizonte histórico dos povos de todo o mundo.

\*jornalista, membro do  
Comitê Central do PCdoB; introdução do  
livro "Socialismo e juventude"



IMPRESSO



**CDM**  
CEP 01403-010 - São Paulo - SP  
Alameda Sarutaiá, 185 - Jardim Paulista.  
Tel.: (11) 3054-1800  
Fundação Municipal de Cultura  
A CLASSE OPERÁRIA